

Rodrigo Otávio Moretti Pires

**OS CINZAS DO ARCO-ÍRIS
IMAGENS POLÍTICAS DOS EVENTOS PÚBLICOS LGBT DE
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Bacharel em Ciências Sociais
Orientador: Profa. Dra. Márcia Grisotti

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moretti Pires, Rodrigo Otávio
OS CINZAS DO ARCO-ÍRIS : IMAGENS POLÍTICAS DOS EVENTOS
PÚBLICOS LGBT DE FLORIANÓPOLIS / Rodrigo Otávio Moretti
Pires ; orientadora, Márcia Grisotti - Florianópolis, SC,
2016.
115 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Política. 3. Sociologia Visual.
4. LGBT. 5. Florianópolis. I. , Márcia Grisotti. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

Rodrigo Otávio Moretti Pires

**OS CINZAS DO ARCO-ÍRIS: IMAGENS POLÍTICAS DOS
EVENTOS PÚBLICOS LGBT DE FLORIANÓPOLIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 09 de novembro de 2016.

Prof. Tiago Bahia Losso, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Márcia Grisotti Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Tiago Daher Padovezi Borges, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alexandre Bergamo Idargo, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado às pessoas que ousam a dissidência - em seus corpos, em suas vidas e em suas relações com outras pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço todas as pessoas – do passado e do presente – que contribuíram, com seus exemplos e/ou contra-exemplos, para que fossem possíveis as condições de emergência desse trabalho. E também agradeço todas as pessoas do futuro – caso existam – que (talvez) leiam um dia o que aqui está registrado, além da banca e do meu namorado. Para o riso, raiva e/ou deleite delas. Quero também agradecer aos meus amigos e amigas que chamo pelo sobrenome – como se fossem apelidos de pessoas íntimas - ao Bourdieu, ao Foucault, a Butler, a Preciado e outros dos meus companheiros imaginários que falam comigo através das páginas das obras (traduzidas e não traduzidas para o Português) por sempre me testarem quanto a como sou ignorante em relação a genialidade deles (especialmente pela maneira como escrevem... especialmente ao Bourdieu, cuja leitura sempre me torna mais e mais humilde sobre o quanto nada sei dentro dessa estrutura estruturada e estruturante a qual produzo ao ser produzido). E também aos amigos que chamo pelo primeiro nome e que aceitaram participar das bancas desse trabalho, Rafael, Tiago e Alexandre, que como intelectuais e pensadores das Ciências Sociais, destinaram tempo para ler o que aqui está escrito. Especialmente quero agradecer à Márcia, minha amiga, colega e orientadora, que “embarca” nas minhas (certamente) loucuras pela vida na Universidade. Agradeço ainda meus amigos do curso, Nani, Douglas, Natalia, Carol, Luana, Ana Paula, Iara, Sara, Maria Lauri, Fafá, Guilherme, Silvana, Bernar, Fábio, e os demais (a lista é imensa), pelas aventuras, risos e muita camaradagem nesses quatro anos no denso mundo das Ciências Sociais. Agradeço ao Douglas K, a Sheila L, ao Murilo M, a Edilaine GDS, ao Adriano B, a Juracy T., a Olga G, entre outros colegas, simplesmente por que nunca falaram para mim que achavam minha insanidade insana ao fazer outro curso de Graduação. E agradeço ao Zeno, que construiu comigo a ideia, o campo, a análise, a torcida, e todos os demais aspectos do trabalho em si, mas principalmente teve paciência até o fim. Para encerrar, quero agradecer ao Estado, por que manter as desigualdades e mazelas sociais contra pessoas LGBT, por que se fosse justo enquanto instituição/relação/contrato/ideia/convenção/seja o que for o Estado, eu não teria esse objeto de estudo. Da mesma forma, quero agradecer a Academia e a Ciência por acharem que objetos de pesquisa são reais e valem investir recurso do Estado. Sobre as demais formas convencionais de agradecimento, basta procurar qualquer trabalho acadêmico que o leitor encontrará. Faço deles os meus agradecimentos, apenas contextualizando os atores com os que convivem comigo e que cumprem esses papéis (de pai, irmão, mãe, etc...).

Manifesto Viado
(trecho)

(...)
viado!
viado!
viado!

ora, não pense que me calo,
que apanho quieto e não falo,
que baixo a cabeça, saio e choro,
que corro, fujo e me apavoro.
 não se engane, macho.
 ora, não pense que desisto,
 que me entrego, não revido,
 que converto, me reverto,
que me torno o que você quer eu seja,
para você ter certeza de que não é

viado!

 tem medo de que?
 de que lhe contamine.
de que lhe perverta, transforme, corrompa.
 que o desnaturado lhe desnature.
que os degenerados ameacem seu gênero,
 seu gene, gêneses, geração.
 tem medo porque?
 porque odeia o diferente
 ou porque tem que me odiar
para fazer de mim seu diferente?
(...)

(Felipe Arede, 2014)

RESUMO

Florianópolis é uma cidade turística conhecida como a capital gay do Brasil, com 13% dos LGBT brasileiros residindo neste município. De 2006 a 2016 foram realizadas dez Paradas da Diversidade em Florianópolis. O objetivo deste trabalho foi analisar as tensões entre Prefeitura, Políticos Locais e o Movimento LGBT, empregando Sociologia Visual. Foram analisadas quarenta fotografias, de duas Paradas realizadas em Florianópolis, uma em São José, e dois blocos de Carnaval – um do Movimento Social e outro da Prefeitura em associação a um político local. A partir dos achados em campo, o trabalho discute como quatro categorias analíticas: estrutura dos eventos, presença de políticos, presença de militantes e presença de artistas locais.

Palavras-Chave: Política. Sociologia Visual. LGBT. Florianópolis.

ABSTRACT

Florianópolis is the gay capital of Brazil. 13% of Brazilian LGBT residing in this municipality. From 2006 to 2016 it was made ten Pride Parades in Florianópolis. The aim of this study was to analyze the tensions between Municipal Government, Politicians and the LGBT Movement. Forty photographs were analyzed employing Visual Sociology. The photographs are from two Parades held in Florianópolis, one in San Jose, and two Carnival's groups - a Social Movement and other of Municipal Government in association with a local politician. From the field findings, the paper discusses four analytical categories: structure of events, the presence of politicians, the presence of militants and local artists.

Keywords: Politics. Visual Sociology. LGBT. Florianópolis.

LISTA DE IMAGENS

Fotografia 1: Visão posterior do Carro de som principal da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 69
Fotografia 2: Visão anterior do Carro de som principal da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 70
Fotografia 3: Carros de VIII Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 70
Fotografia 4: Carro de som principal da V Parada da Diversidade de São José, 2016. Tamanho: 50 metros.	página 71
Fotografia 5: Visão lateral dos Carros de som da V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 71
Fotografia 6: Visão da Beira-Mar Continental, onde foi realizada a X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 72
Fotografia 7: Visão da Beira-Mar Continental, onde foi realizada a X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 72
Fotografia 8: Carro de Som principal da X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 73
Fotografia 9: Segundo carro de som da X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 73
Fotografia 10: Visão frontal do palco do PopGay2016..	página 74
Fotografia 11: Palco do desfile do PopGay 2016.	página 74
Fotografia 12: Visão posterior do palco do Bloco Vexame.	página 75
Fotografia 13: Parlamentar Tiago Silva, organizador da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 76
Fotografia 14: Políticos na na IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 76
Fotografia 15: Deputada Estadual Angela Albino, na IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 77
Fotografia 16: Executivo e Movimento social no discurso de abertura da V Parada da Diversidade de São José, 2015.	página 78
Fotografia 17: representante da Secretaria Estadual de Santa Catarina, X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 79
Fotografia 18: Parlamentar Tiago Silva, organizador do PopGay2016, realizando entrevista a imprensa.	página 80

Fotografia 19: Ato de protesto do Movimento LGBT durante a abertura do Mês da Diversidade de 2015.	página 80
Fotografia 20: Parlamentar Tiago Silva, organizador da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 81
Fotografia 21: a mordação de protesto na IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 81
Fotografia 22: protesto do Movimento LGBT durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 82
Fotografia 23: Parte externa do carro principal, VIII Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 82
Fotografia 24: protesto do Movimento LGBT durante a VIII Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 83
Fotografia 25: integrantes do Movimento LGBT (durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 84
Fotografia 26: integrantes do Movimento LGBT durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 84
Fotografia 27: integrantes do Movimento LGBT e organizadores da V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 85
Fotografia 28: integrantes do Movimento LGBT durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 85
Fotografia 29: Segundo Carro de Som, com frases militantes, durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 86
Fotografia 28: integrantes do Movimento LGBT na X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 87
Fotografia 29: integrantes da ADEH durante o Bloco Vexame, 2016.	página 87
Fotografia 30: integrantes da ADEH durante o Bloco Vexame, 2016.	página 88
Fotografia 31: integrantes do Movimento LGBT durante o Bloco Vexame, 2016.	página 88
Fotografia 32: Selma Light junto com Rose Nogueira, organizadoras do Bloco Vexame, 2016.	página 89
Fotografia 33: Show de Wanessa Camargo, durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.	página 90
Fotografia 34: DJ Fabrizia, ativista trans e integrante da ADEH, durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.	página 90
Fotografia 35: organizador do evento e a Drag Queen Dindry Buck na X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 90

Fotografia 36: artistas locais, no carro de som principal durante X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 91
Fotografia 37: Silvete Montilla e as vencedoras do concurso de Drags, no PopGay2016.	página 92
Fotografia 37: a artista Leo Aquila, no PopGay2016.	página 92
Fotografia 38: o cantor Billy Rezk, de Florianópolis, no Vexame2016.	página 93
Fotografia 39: o grupo musical “Banda The Bregas”, de Florianópolis, no Vexame2016.	página 94
Fotografia 40: bandeira da candidata à Vereadora Carla Ayres na IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.	página 99

SUMÁRIO

Apresentação.....	25
1. Introdução.....	31
2. Visibilidade e a questão de gênero.....	35
3. O campo político e as disputas LGBT.....	41
4. Fotografia, sociologia e as relações sociais	49
5. Das imagens ao texto: sobre o percurso metodológico	63
6. Imagens políticas e seus contextos de emergência	69
6.1 A estrutura dos eventos	69
6.2 Participação de representantes do legislativo e do executivo..	75
6.3 Participação do Movimento LGBT.....	80
6.4 Participação de artistas.....	92
6.5 Ampliando as imagens com a literatura científica	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108

APRESENTAÇÃO

"Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?"
Friedrich NIETZSCHE, "Assim falava Zaratustra"

A construção da “Cena LGBT”, ou seja, de pessoas Assexuais, Pansexuais, Queer, Crossdressers, Intersexuais, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de Florianópolis é assunto antigo. Na edição “número zero” de abril de 1978 do jornal carioca “O Lâmpião da Esquina”, marco da imprensa homossexual brasileira, com tiragem de 2000 exemplares, na décima quinta página há uma carta de alguém identificado como “Carlos C.”, cujo título é “Pelo turismo interno”. Um trecho chama a atenção - ao menos para o presente trabalho - quando o autor afirma “Há cidades maravilhosas para homossexuais, como Recife e Florianópolis, que precisam ser divulgadas”. No número seguinte, de março do mesmo ano, Florianópolis esta relacionada junto com Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Teresina e Porto Alegre, cidades em que o Jornal era distribuído. No terceiro número, de julho ainda de 1978, há uma reportagem especificamente sobre a Ilha. Em “Florianópolis, meu amor”, de Beto Stodieck (1978, p.6), influente jornalista manezinho, registra-se a existência de 15 mil homossexuais declarado entre os 300 mil habitantes do município. O jornalista afirma “(...) se existe tanto assim é porque há receptividade”.

Na edição de setembro de 1978, a reportagem “As nossas festas no Sul”, de João Antônio Mascarenhas (1978, p.4) relata o lançamento do jornal na cidade de Florianópolis, com cobertura de TV e destaque nos três maiores jornais do Estado de Santa Catarina, mas com uma ressalva: não utilizar o termo “homossexuais” ao falar sobre o “Lâmpião da Esquina”. No sexto número, de novembro de 1978, a matéria “Florianópolis e o vampiro art-decô” há o relato de um grupo carioca ligado ao jornal que, visitando a ilha, foi abordado por policiais catarinenses por certo comportamentos tomados como inapropriados - a saber, como homens, ficarem encarando outros homens.

Penso em termos de que existem condições de emergência e feixes de relações de poder, que permitem certos

acontecimentos/conhecimentos e outros não. Certamente outra discussão, da qual me afasto no presente trabalho. O sentido dessas informações que me interessa aqui é o de que, já em uma época muito mais conservadora de valores religiosos e moral normativa, Florianópolis era conhecida como um espaço aberto às sexualidades dissidentes. Ou ao menos “mais aberta” em termos relativos para a época. E ao mesmo tempo, nem tanto assim, quando relativa às condições de possibilidades para que ocorresse em 1993 a primeira edição do “Pop Gay”, que nos Carnavais tem como tradição premiar Drag Queens e outras identidades/expressões de gênero dissidentes, assim como a 1ª Parada da Diversidade de Florianópolis, no ano de 2006. Nesse mesmo ano, foi inaugurada a “Casa da Diversidade”, que era um espaço destinado aos LGBT de Florianópolis, no prédio da antiga Câmara de Vereadores, Centro da capital catarinense. A proposta desse espaço era a promoção de atividades culturais e artísticas na temática da defesa dos direitos LGBT .

Em dissertação de Mestrado defendida em 2012, no Programa-Graduação em Antropologia Social, Glauco Ferreira (2012) analisa as Paradas da Diversidade de Florianópolis nos anos de 2009 e 2010. Na epígrafe de abertura da obra, o autor traz o trecho de uma reportagem de 2009, relatando a participação de 50 mil pessoas, com uma importante celebração: a assinatura da lei municipal que multa por desrespeito e preconceitos contra homossexuais em Florianópolis . A lei é fruto de proposição do então parlamentar Tiago Silva, um jovem negro, criado em região de morros em Florianópolis e, mais importante ainda no contexto da presente pesquisa, é o primeiro parlamentar assumido publicamente enquanto gay .

Até 2016 foram realizadas 10 Paradas da Diversidade de Florianópolis. Destacam-se o ano de 2014 – em que ocorreria a 9ª edição do evento - e os anos seguintes, cujo presente trabalho tem foco. Mais de 100 mil pessoas participaram em 2013 . Em sete de agosto de 2014, o Guia Gay Floripa anunciava que a nona edição do evento ocorreria de maneira regular em 2014 , no dia 11 de novembro do mesmo ano, o editorial manifestava-se com indignação frente ao cancelamento, denunciando diversos pontos que direcionam para as tensões presentes entre Movimento LGBT, executivo, legislativo e o mercado no município. Nas palavras dos editores, o cancelamento acenava para um contexto de “Bandeiras arco-iris esmaecidas. Branca e preta como fruto de

descaso generalizado”. Denunciam que tensões políticas entre os seguimentos de interesse levaram, em suas perspectivas, ao fracasso do evento, que “se fechavam como se donas da parada fossem”. Os editores indicam que houve também descaso para a falta de engajamento do empresariado LGBT que não comprometeram com o evento. Em relação ao Movimento LGBT, apontam que “De um lado, alijado do processo e, de outro, sem a tenacidade necessária para nele incluir-se e reivindicar seu quinhão. O que era para ser orgulho virou apatia.”. Mas uma figura se destaca no editorial: o parlamentar Tiago Silva.

(...) Prefeitura que não ‘achou’ verbas necessárias para o apoio ao evento. E estamos falando de milhões de reais? Nunca! Alguns milhares, com gastos maiores para alguns trios elétricos e infraestrutura. E pior, depois de a capital ter tido, mesmo que temporariamente, o primeiro prefeito assumidamente gay, Tiago Silva (PDT). Em qualquer cidade moderna e comprometida verdadeiramente com a cidadania, um prefeito gay marcaria sua gestão com um ato forte em prol dos seus iguais. Floripa, de forma constrangida, não faz parte desse clube de cidades, aquelas com representantes políticos que geram orgulho.

Nesse sentido, está o uso do Cinza, seja no título do presente trabalho, seja nas fotografias que emprego. A despeito da bandeira arco-íris como exuberante símbolo da diversidade sexual e luta por direitos LGBT, é de política e tensões políticas que as imagens tratam. Tal como as palavras de Nietzsche na epígrafe desta apresentação, as imagens políticas produzidas - aqui registradas e analisadas - são cinza(s), resto(s), o que sobrou dos acontecimentos em si dos cinco eventos LGBT que integraram a pesquisa. Ao mesmo tempo, o uso de tons cinza busca metodologicamente “neutralizar” a profusão das cores e cenas registradas, como dispositivo que auxilia em minha procura de dar sentido as informações – tarefa primeira da atividade no campo da ciência – utilizando-me dos aportes da Sociologia Visual.

A esse respeito, é importante registrar as considerações de José de Souza Martins (2016), pioneiro no uso da Sociologia Visual no Brasil, ao alertar que a utilização das imagens como subsídio para o trabalho do Sociólogo é se colocar em perpétua indagação e dúvida, na medida em que vivemos em um mundo permeado e significado pelas fotografias, que se referem assim a um aspecto da sociedade contemporânea, e, ao mesmo tempo, é defrontar-se com o desafio de produzir conhecimento levando em consideração as limitações e as características dessa “técnica” de produzir informações para pesquisa. Penso também que essa discussão evidencia pressupostos e pré-conceitos do que é ou não é conhecimento sociológico válido, assim como suas fontes e temas de importância. Nas palavras do autor

Em particular na Sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento. Mas, nessa dialética, revelou suas próprias insuficiências. É nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a imensa riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais. Tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações. (MARTINS, 2016, p.11).

Não acredito que o presente trabalho possa ser pensado como uma construção sobre gênero e diversidade sexual. A despeito de se tratar de LGBT e das lutas políticas nos eventos públicos em Florianópolis, é mais sobre política do que sobre as dinâmicas societárias frente a heteronormatividade compulsória – em termos de Butler – que fala esse trabalho.

Da mesma forma, não é um trabalho sobre história do Movimento LGBT em Florianópolis. Essa temática pode ser pensada como um importante feixe de constrói as condições do fenômeno investigado, mas se mostra ampla demais, como pode ser percebido pelos poucos elementos históricos que trago aqui na apresentação.

Tão pouco é um trabalho que esgota o tema, analisando em profundidade as redes capitares e complexas das relações entre Estado, Movimento LGBT e Mercado, ou os espaços de sociabilização LGBT no município de Florianópolis. Ou mesmo sobre identidades LGBT no município. Ou ainda sobre as tensões entre as diversas “letrinhas” .

Também não é, por fim, um trabalho sobre Sociologia Visual. Vale-se - e até discute de certa forma – essa forma e caminho para pesquisas qualitativas na Sociologia, mas longe de discutir a questão da linguagem, da imagem e de seus usos/potenciais, assume suas possibilidades e, então, as emprega.

Início introduzindo Florianópolis e dados contemporâneos em termos de visibilidade e relevância dos LGBT em termos populacionais, como em seu uso do espaço público no município.

No capítulo 2, trago a questão da emergência dos debates de gênero e direitos cidadãos, sem a pretensão de esgotar o tema, mas apenas para contextualizar leitores sobre os cenários e as lutas LGBT na sociedade brasileira contemporânea.

No terceiro capítulo, discuto as principais obras de referência sobre o campo político e movimento LGBT brasileiro, assim como as Políticas Públicas existentes no Brasil. Encerro o capítulo apresentando tanto as legislações do Estado de Santa Catarina e de Florianópolis, assim como as principais entidades que integram o Movimento LGBT no município.

O quarto capítulo trata do uso das imagens – em especial as fotografias – tanto nas Ciências Sociais em Geral, e particularmente na Sociologia, visitando os principais autores e teóricos da Sociologia Visual, esse campo em emergência.

No quinto capítulo, apresento os objetivos do presente trabalho, e no sexto capítulo os aspectos metodológicos empregados.

O sétimo capítulo é o que traz tanto os resultados como a discussão com a literatura, nas quatro categorias analíticas que optamos em utilizar heurísticamente, com base na análise das fotografias das três Paradas da Diversidade e dos dois eventos carnavalescos que documentamos para o presente trabalho.

Encerrando, registro o capítulo de Considerações finais, nos quais trago algumas reflexões sobre as tensões políticas na temática LGBT, e também sobre o uso da fotografia como fonte de informação para a Sociologia

1 INTRODUÇÃO

Falar é fazer alguma coisa — algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (...) e comporta regra.
Michel FOUCAULT, “As palavras e as coisas”.

O presente trabalho é um desdobramento de inquietações, tanto pessoais como científicas, e pretende trazer algumas reflexões sobre as disputas políticas implicadas nos eventos públicos da comunidade de pessoas LGBT na Grande Florianópolis (SC), no período entre os anos 2015 e 2016.

Os dados de 2010 do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), primeira pesquisa deste âmbito a questionar sobre a orientação sexual dos entrevistados, apontam que 0,11% da população do município se autodeclara LGBT, o que significa cerca de 7.500 pessoas pelos dados da época, representando 13% da população brasileira LGBT no mesmo estudo. O número também ranqueia o município como a capital com maior número de pessoas com orientações sexuais autodeclaradas não heterossexuais.

O cenário LGBT de Florianópolis conta com inúmeros estabelecimentos e bares gayfriendly, três boates específicas para o público LGBT, duas saunas/sex clubs, dois cruising bar destinadas ao público LGBT e duas praias aclamadas como gays em termos nacional e internacional.

Em relação a eventos públicos, Florianópolis dispõe há anos de momentos destinados orientados à população LGBT. A Parada da Diversidade, inspirada nas Paradas do Orgulho Gay existentes em todo o mundo, realizou sua 8ª edição em setembro 2015, com a participação de 15 mil pessoas, tendo como principal organizador o parlamentar Tiago Silva. No período de agosto à setembro de 2015 foi realizado o I Mês da Diversidade de Florianópolis, que ocupou-se de uma agenda cultural e política, com a realização de 30 eventos na cidade inteira, contando com a participação de 4500 pessoas. Em setembro de 2016, foi realizada a 9ª Parada da Diversidade, sem apoio

governamental ou oficialmente do Movimento LGBT , reunindo 5 mil pessoas.

No Carnaval, Florianópolis torna-se um dos destinos preferenciais ao turismo LGBT nacional e internacional. Desde 1993 realiza-se nessa época o chamado Poggay, que em 2015 teve um público de 20 mil que se reuniu na Praça Fernando Machado, no Centro da capital catarinense. O evento conta com a apresentação de transexuais, com destaque ao Concurso com as categorias Drag Queen, que avalia fantasia, caracterização e desfile, e Beauty Queen, que avalia beleza, fantasia e desfile. Em 2016, quase o evento não acontece, por falta de apoio governamental, sendo um dos primeiros a ser suprimido da agenda municipal quando da contenção de gastos.

A intenção de pesquisar as tensões políticas nos eventos públicos LGBT, além das características mencionadas de Florianópolis, insere-se em um contexto mais amplo, em que as temáticas da diversidade sexual e de gênero emergem com força na sociedade brasileira, especialmente no campo dos direitos humanos, cidadania e seus reflexos na mídia.

Na medida em que os serviços públicos são fundados sob o signo da universalidade do acesso, irrestrito a todas as cidadãs e todos os cidadãos do Brasil, é de imensa relevância a discussão da diversidade como “orientação sexual” e, baseado nas teorias que versam sobre a heteronormatividade na Sociedade Contemporânea atual. A existência no campo político, assim como a possibilidade prática e social de se viver a expressão de gênero implica diversas vezes na exclusão e invisibilidade das “orientações” não heterossexuais, com experiências de discriminação.

Estudos desse fenômeno, em suas variadas formas de apresentação e sujeitos, têm figurado entre as pautas acadêmicas mais frequentes nas últimas décadas, diante da sua forte presença na sociedade, notadamente naquelas mais urbanizadas. Existe uma crescente preocupação direcionada, nacionalmente, a relevância e os impactos dessa temática nas condições de vida da população.

Particularmente em relação à Florianópolis (SC), a despeito de sua divulgação midiática como Capital Gay do Brasil, existem tensões políticas importantes na constituição da cidadania LGBT do município. Em 2012, o parlamentar Tiago Silva, um dos organizadores da Parada Gay de Florianópolis,

obteve o mais expressivo número de votos entre os candidatos à câmara de vereadores do pleito (OLIVEIRA, 2012), sendo o primeiro gay assumido a se eleger. À época, o Movimento LGBT maciçamente apoiou a candidatura do referido parlamentar, somando votos a essa eleição histórica no município.

Cerca de três anos após o pleito de 2012, é criado o Fórum Diversidade da Grande Florianópolis, instituição que congrega movimentos sociais, organizações não governamentais, núcleos de pesquisa, e instituições como OAB-SC, UFSC e UDESC. Em 2014 a Parada da Diversidade programada para novembro não ocorreu, com divulgação midiática de que problemas de dotação orçamentaria municipal para o evento e desunião no movimento LGBT teriam sido fatores importantes para o efeito de cancelamento da Parada (GUIA GAY FLORIPA, 2014).

Em 2015 o referido Fórum busca dialogar – especialmente com o referido vereador em exercício – sobre a construção tanto do evento como de uma pauta militante. Em princípio, o referido Fórum dialogaria com os poderes públicos, o vereador eleito pelo movimento e o Movimento LGBT, na construção da 9ª edição do evento, que teria como tema “Nada de nós sem nós” (GUIA GAY FLORIPA, 2015a).

No entanto, a 9ª Parada da Diversidade de Florianópolis ocorre como evento concorrente ao Mês da Diversidade instituída pelo Fórum, que na abertura do referido Mês oficializa seu descontentamento e sentimento de alijamento frente a organização da Parada do Vereador (GUIA GAY FLORIPA, 2015). Há um caráter discursivo interessante no contexto: o evento que teria como tema “Nada sobre nós, sem nós” pelas intenções do Movimento LGBT acontece, com o mote “Amar é um direito de todos” (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2015).

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as tensões do campo político LGBT de Florianópolis (SC), no período de janeiro de 2015 e setembro de 2016. Como objetivos específicos traça a caracterização de manifestações em eventos públicos LGBT de grupos políticos, políticos, partidos, Organizações Não-Governamentais, Ativistas individuais, e outros agentes em disputa na cena LGBT de Florianópolis, através de fotografias de momentos em que os diferentes grupos se fazem presentes nos eventos públicos referidos.

2. VISIBILIDADE E A QUESTÃO DE GÊNERO

As molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdida ou lesada (suscetível de ser perdida ou lesada) estão politicamente saturadas. Elas são em si mesmas operações de poder. Não decidem unilateralmente as condições de aparição, mas seu objetivo é, não obstante, delimitar a esfera da aparição enquanto tal.
Judith BUTLER, “Quadros de Guerra”.

Para Giddens (1993, p.25), a temática de gênero tornou-se de suma importância nos meios de comunicação de massa e na construção das representações sociais da coletividade. A diversidade sexual configura, portanto, um assunto emergente no transcurso das últimas décadas do século XX, com gradual ganho de espaço em meios distintos da vida pública, política e com crescente apropriação pelo campo científico, no entanto notadamente entre as ciências sociais recebeu maior e árduo empenho intelectual em aprofundar noções, trazer à tona outras referentes a sentidos e discursos que constroem a diversidade, em face das situações vividas pelos grupos, vistos como minorias, formadores da diversidade e a visibilidade de suas lutas por direitos.

Para tratá-la, recorremos ao conceito de gênero, encarando-o como um dos componentes do ser humano enquanto membro de sua sociedade. Importante legado dos estudos feministas (PEDRO, 2005), tem ganhado notoriedade e abordagens variadas com multiplicidade de linhas epistemológicas.

Ao investigar a utilização do espaço público para lazer entre a população LGBT, Tavares e Isayama (2014) ressaltam que as divisões de raça e classe características da sociedade contemporânea brasileira implicam em desigualdades no uso do espaço público para lazer na população em geral, assim como na população LGBT. No entanto, as autoras apontam que o uso do espaço público refere-se a dimensões de apropriações e diversos usos atribuídos pelos sujeitos com base no universo cotidiano de significados a partir de sua vivência na cidade.

Nesse sentido, as autoras ressaltam que além das questões de classe e raça, as pessoas LGBT são frequentemente submetidas a situações de constrangimento, violência simbólica e

violência física que, entre outros direitos essenciais, promovem violação de seus direitos ao uso pleno do espaço público, através de manifestações implícitas e explícitas que “(...) abrigam formas de violência específicas que em larga medida se misturam para concatenar um objetivo comum, o ódio e o repúdio aos homossexuais. A violência física e psicológica são os principais meios para se chegar a esse objetivo” (TAVARES; ISAYAMA, 2014, p.594).

Em investigação sobre o cenário LGBT de São Paulo, França (2012) empreendeu uma complexa análise sobre as regiões da capital paulista em que a população LGBT busca lazer e entretenimento, assim como as principais boates e bares, partindo do pressuposto que

(...) as pessoas atribuem sentidos aos espaços, conferindo-lhes uma dimensão simbólica e constituindo-se como lugares, os próprios lugares concorrem para a constituição das pessoas, promovendo-as de referências e experiências que são contexto para o exercício da agência. Esse entendimento funcionou como um horizonte a partir do qual me foi possível abordar as experiências e interações proporcionadas pelos lugares, mas, sobretudo, o movimento pelo qual os lugares transformam-se também em lugares subjetivos, gerando identificação e afeição por parte de seus frequentadores. (FRANÇA, 2012, p.246).

Em seu campo, a autora frequentou ruas, avenidas, boates e bares, caracterizados tanto pelos aspectos socioeconômicos envolvidos, como pelos registros dos diversos universos simbólicos e corporais do cenário LGBT de São Paulo, observando que determinados espaços são mais ocupados por gays, brancos, membros das classes média e alta, e com corpos performados pela prática intensa de atividade física, enquanto outros eram específicos para públicos de classe média baixa ou classe popular, ou negros. “É digno de nota que o mercado – e o consumo – seja cenário e agente desse processo, constituindo-se como espaço público em que se dão complicadas negociações e deslocamentos” (FRANÇA, 2012, p.262).

Um achado interessante de França (2012) é que a regulação da participação ou não em cada um dos espaços se deu em sua pesquisa a partir de preconceções tais como o sentimento dos LGBT de serem pertencentes e/ou adequados a determinados espaços e não para outros, exemplificado pelos gays gordos, que possuem uma festa específica chamada *Urround*, na qual encontram ou gays gordos ou gays que gostam de gordos. Paralelamente, os gays com padrões estéticos das academias de musculação, buscam o espaço de outra festa de nome *The Week*, onde a pesquisadora encontrou uma multidão de pessoas brancas, adequadas dentro do padrão estético hegemônico. Em todos os lugares a participação registra um aspecto socioeconômico forte, na medida em que os valores dos ingressos na primeira era um terço do valor da segunda festa.

O lugar em que as classes populares aparecem predominantes, assim como rapazes negros, foi o *Boteco do Caê*, apelidado carinhosamente de *samba gay* ou *samba GLS*. O ar despojado, o espaço para dançar, a relativa indefinição entre a rua e o interior do salão e a cerveja gelada traziam uma atmosfera que atraía os rapazes identificados com o samba e a *blackmusic*, com forte identificação com as expressões culturais relacionadas à “negritude”, presentes tanto no centro como nos bairros da cidade. Uma complexa negociação se dava ali entre os marcadores referentes a cor/raça e a sexualidade, transformando o samba num lugar confortável para a bicha que se via impedida de dançar a frente da bateria na escola de samba e para o mano que não podia flertar com outros rapazes no balanço do samba rock. (FRANÇA, 2012, p.249).

Em sete de julho de 2015, na cidade de São Paulo (SP), ocorreu a XIX Parada do orgulho LGBT, evento que teve sua primeira edição em 1997, importante iniciativa de movimentos sociais com tom de denúncia e luta pelos direitos da minoria LGBT. Segundo Carvalho (2012), o crescimento das paradas, tanto em participação como no destaque na mídia, transformou a Parada do orgulho Gay de São Paulo no maior evento mundial nessa categoria, mesmo com a ressalva de que, ao longo do tempo, o caráter ideológico tem se diluído na festividade em si. De qualquer forma, é um marco representativo de discussão

coletiva sobre as questões LGBT no Brasil, sendo foco de apoio e reprovações, especialmente dos setores políticos vinculados a segmentos religiosos no país.

Na perspectiva de Carvalho (2012), mesmo com o enfoque político e ativista em termos dos direitos das pessoas LGBTs, a imprensa não se utiliza de um discurso que abranja a diversidade e polifonia existente nas Paradas do orgulho LGBTs, divulgando um discurso a cerca dos acontecimentos policiais ou caricaturais e estereotipados dos acontecimentos, mesmo em se tratando de um evento que teve 3,4 milhões de participantes em 2008 (CARVALHO, 2012). Segundo o autor, a direcionalidade na forma de abordar o evento pela mídia evidencia “(...) o mais grave, de não aceitar as diferenças e os diferentes, entendidos como aqueles que não se adequam as performances heteronormativas” (CARVALHO, 2012, p.336).

Manifestações como a Parada do Orgulho LGBT despertam reações muitas vezes contraditórias dentro dos grupos sociais, reafirmando conflitos, estabelecendo novas relações de competições por posições e legitimidade, assim como a dissolução de laços e estabelecimento de outros. Bourdieu (2014b) defende que existe um principio de eficácia no tocante a constituição dos campos, sendo que o panorama se estabeleceu através das disputas pelo “(...) lugar da energia social acumulada, reproduzido com a ajuda dos agentes e instituições através das lutas pelas quais eles tentam apropriar-se dela, empenhando que haviam adquirido de tal energia nas lutas anteriores” (BOURDIEU, 2014, p.25).

Ressalta Bourdieu (2014) que os concorrentes em determinado campo procuram convencer seu público de sua legitimidade como representante dos maiores valores frente a seus antagonistas, o que determinara sua posição social frente aos oponentes, fazendo pensar na importância da repercussão midiática de eventos como a referida Parada nas disputas políticas entre as interpretações religiosas sobre a sexualidade e a luta dos movimentos sociais LGBT. Também chama atenção para questões próprias do campo político e dos agentes envolvidos.

Nessa perspectiva, o autor ainda aponta que será fundamental que cada concorrente convença determinado publico sobre necessidades que somente ele possa prover, ou de maneira

mais adequada que os demais concorrentes. Nas palavras de Bourdieu (2014, p.30)

Pelo fato de que os campos da produção de bens culturais são universos de crenças que só podem funcionar na medida que conseguem produzir, inseparavelmente, produtos e a necessidades desses produtos por meio de praticas que são a denegação das praticas habituais da “economia”, as lutas que se desenrolam ai são conflitos decisivos que comprometem completamente a relação com a “economia”.

Segundo Bourdieu (2014) a discordância e a concordância de determinado público em relação aos discursos proferidos pelo representante de seu campo referem-se a influencia que possui sobre o público, “(...) na medida em que estes lhe atribuem tal poder porque estão estruturalmente afinados com ele em sua visão do mundo social, suas preferencias e todo seu habitus” (BOURDIEU, 2014, p.57), retornando a idéia da importância de manifestações públicas perante eventos de temas polêmicos como pode ser caracterizado pelas disputas que existem em relação aos direitos da população LGBT na política brasileira.

Bourdieu (1999) declara que “a opressão como forma de 'invisibilização' traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade” (p. 143-4). Ainda sobre a questão de invisibilidade de referências públicas e nas relações sociais dos sujeitos, Valadão e Gomes (2011) afirmam que existem reflexos inclusive em como as orientações sexuais não binárias são desconsideradas frente aos serviços de saúde, em que todos os pacientes são tomados por heterossexuais e, quando se declaram não heterossexuais trazem dificuldades para a abordagem dos profissionais de saúde.

Se o habitus for abordado como um padrão histórico e socialmente construído pelas experiências sociais das pessoas, que define seus modos de perceber, sentir e pensar a sua própria sexualidade, tanto a esperança de se tornar algum dia heterossexual relatada, como as dificuldades para o estabelecimento de relacionamento nas orientações sexuais não

binárias pode ser entendida, haja vista para o longo processo de incorporação e de reprodução de práticas e maneiras socialmente aceitas de ser nos grupos sociais a que as pessoas LGBT pertencem, seja constituído por pessoas de orientações sexuais semelhantes e/ou de heterossexuais.

A possibilidade das pessoas LGBT deterem direitos cidadãos e políticos visíveis assim como poderem frequentar ambientes públicos é, por exemplo, fundamental na desconstrução dos padrões construídos pela violência simbólica, com efeitos de maior segurança pessoal, gerando sentimento de existência social, de demonstrar seu modo de viver, além de desconstruir concepções preconceituosas para todos.

As relações estabelecidas entre as pessoas LGBT em grupos em que o habitus permite a inclusão de identidades e expressões de gênero não heterossexuais e não binárias reforçaram suas possibilidades de ser, inclusive pelo sentimento de pertencimento e proximidade, que foi considerado um valor e que permite trocas simbólicas de diversas naturezas, tais como o convívio e a segurança nos espaços públicos.

Bourdieu afirma que o estabelecimento de laços sociais é fundamental no desenvolvimento de capital social, entendido pelo autor como “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (Bourdieu, 1958, p. 248).

Nesse sentido, a possibilidade dos LGBT de se apresentarem enquanto tal e pertencerem a grupos de pessoas que os aceitam como não heterossexuais ou que também apresentam a orientação sexual não binária é um recurso fundamental para sua constituição enquanto possibilidade de ser o que se é frente a sua história regada pela violência simbólica heteronormativa, conforme descrita acima.

3. O CAMPO POLÍTICO E AS DISPUTAS LGBT

A revolução não será discreta.
MOVIMENTO LGBT brasileiro

Simões e Facchini (2009), na obra “Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT”, fundante das discussões sobre o movimento social LGBT no Brasil, defende que as questões de diversidade sexual e gênero constituem-se como um “terreno político por excelência” (p.12), na medida em que existem controvérsias públicas e grupos de interesses diversos implicados na e nos desdobramentos da temática. A crescente politização de pessoas não heterossexuais no Brasil é apresentada pela autora como fonte de abordagens diversas e decorrentes tensões internas e externas ao movimento social LGBT. Também a sobreposição/articulação da luta por direitos LGBT com outras temáticas políticas consideradas “das minorias” como mulheres, negros, pessoas em situação de rua, entre outras, o que depreende minoria em termos de representação e poder político.

Para esses autores, a partir da redemocratização brasileira na década de 1990, houve um

(...) impulso à multiplicação de grupos ativistas, promovendo a diversificação dos vários sujeitos do movimento na atual designação LGBT, a formação das atuais grandes redes regionais e nacionais de organizações, e a consagração das Paradas do Orgulho LGBT, paralelamente ao crescimento do mercado segmentado voltado à homossexualidade. (SIMÕES & FACCHINI, 2009, p.14)

A respeito do campo político LGBT, Almeida (2010) analisa que historicamente se construiu como manifestação diferenciada de outras temáticas das minorias políticas, por referir-se especificamente a lutas em processos de visibilização e pronunciamento, como contraposição ao sistema de garantias de direitos baseada na heterossexualidade normativa e binária, que invisibiliza e silencia as expressões de gênero LGBT.

Para Almeida

O processo de subjetivação é, pois, também um projeto de sujeição. A transformação do desejo numa identidade dar-se-á apenas na medida em que o indivíduo encontre semelhantes. (...) Sociedades e períodos que viram surgir identidades sociais gays e lésbicas, na esteira das transformações nas relações de gênero e da mudança de paradigma inaugurada pelo feminismo – quer enquanto teoria, quer enquanto movimento. Hoje, e graças ao movimento LGBT, a invisibilidade e o silêncio não são absolutos, o insulto é vigiado, e a heterossexualidade normativa não se apresenta como hegemônica face a pessoas assumidas, a casais e a famílias de pais e mães gays e lésbicas com filhos. A possibilidade de ser passou a existir, ainda que timidamente. (ALMEIDA, 2010, p.15).

Almeida (2010) apresenta que as minorias políticas - a exemplo de negros, mulheres, entre outras – são construídas na maioria das vezes pela escassa adesão de militantes e ativistas, o que também seria uma característica junto ao movimento LGBT. No entanto, o autor alerta que nesse caso específico, há que se considerar que a heteronormatividade compulsória e o sistema político baseado em naturalizações explícitas e implícitas da homofobia, teria como um efeito mais profundo e agudo na capacidade organizativa e de participação de pessoas, haja vista a necessidade de se “sair do armário” nas palavras de Almeida (2010), produzindo uma escala diferente quando se trata de questões de direitos e da cidadania LGBT.

Por outro lado, analisa que o campo político dos direitos cidadãos apresenta atores e agentes homofóbicos de diversas naturezas e posições sociais e de poderes. A interpretação do que seria o movimento e as pautas LGBT é, muitas vezes, baseada em estereótipos e totalizações que distanciam-se sobremaneira das identidades e expressões de gênero incutidas na sigla LGBT, como se a busca pela igualdade neutralizasse politicamente a pauta da diferença, típica do que pode ser entendido como a temática LGBT pressupõe. Há uma experiência comum de marginalização das pessoas LGBT pela naturalização da heteronormatividade e das fobias de gênero, unindo

estrategicamente as identidades, mas tendo como efeito muitas vezes a invisibilização da diversidade e das diferenças no Movimento LGBT, segundo Almeida (2010).

Almeida (2010) conceitua que

Os partidos políticos e os movimentos sociais são os principais fornecedores do que se poderia chamar um discurso organizado, ou seja, um discurso que explica como as coisas são e oferece um programa para a sua transformação. As pessoas não vivem de acordo com estes discursos, naturalmente, mas sim de acordo com prática incorporadas e habitus, em interações que ocorrem em contextos mais ou menos institucionais e de acordo com esquemas interpretativos culturalmente herdados – ainda que socialmente desafiáveis, negociáveis e sujeitos à disputas de poder, justamente graças aos guiões oferecidos por aqueles discursos. (ALMEIDA, 2010, p.146-7).

Para Almeida (2010), no campo político LGBT há uma perpétua tensão entre as tomadas de posição dos partidos políticos e movimentos sociais, que se distanciam da constituição de identidades sociais e mudanças institucionais na vida das pessoas LGBT. Para o autor, até mesmo a questão das posições de esquerda, centro e direita são alheias aos posicionamentos políticos de partidos e de representantes legislativos, em uma dicotomia entre pouca representação e luta pelos direitos de um lado, e o combate a ampliação da cidadania LGBT de outro.

É inegável que ocorreram avanços e conquistas no sentido da garantia de existência e cidadania a população LGBT no Brasil na primeira década do século XXI, em seis áreas principais: assistência social, previdência social, saúde, segurança, trabalho e educação.

Em 2004 surge o Programa do Governo Federal “Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual” (BSH), que tem por objetivo o fortalecimento das instituições públicas e não governamentais na construção da cidadania homossexual, com foco na capacitação de

profissionais, disseminação de informações e incentivo a denúncia de violação dos direitos humanos de pessoas LGBT.

No ano de 2008, realizou-se a I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (I CNLGBT), que teve como tema “Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”. A II Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (II CNLGBT) foi realizada em 2011 sob o tema "Por um país livre da pobreza e da discriminação: Promovendo a Cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”.

No campo dos serviços públicos de Saúde, houve a publicação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais pelo Ministério da Saúde, em 2008.

Duas iniciativas governamentais ocorreram em 2009: o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNPCDH-LGBT) e o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH 3).

O PNPCDH-LGBT tem como objetivo de construção de políticas públicas de inclusão social e de combate às desigualdades para a população LGBT, orientada pela intersetorialidade e transversalidade na proposição e implementação dessas políticas. Paralelamente, o PNDH3, mais geral e envolvendo outras populações, versa em sua diretriz 10, que responde pelas demandas de “Garantia da igualdade na diversidade”, em seu objetivo estratégico V, sobre a garantia do respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero.

Mesmo em face aos avanços no arcabouço político e legal brasileiro, ainda persistem profundas lacunas, principalmente no que se refere ao entendimento de questões concernentes à vida e as relações sociais estabelecidas entre as pessoas LGBT e seus contornos em relação à temática do gênero na sociedade brasileira contemporânea.

Vianna (2012) aponta que uma primeira consideração a ser feita quanto ao movimento LGBT trata-se de como vem sendo instituída suas agendas, estratégias e linguagens frente aos demais movimentos de minorias, na medida em que a aparente aliança entre “dissidentes sexuais” frente a heteronorma pode homogeneizar “(...) reconhecimento das diferenças antes, do

ponto de vista da exibição política, ocultas sob o manto genérico da homossexualidade” (VIANNA, 2012, p.239). Vianna (2012) ressalta a importância de manter constante atenção a como são operadas as pautas e as políticas públicas, e até mesmo a militância organizada e as marcações sociais, na medida em que produzem e são produzidas a partir de códigos e normas, “(...) operando a partir de suas bordas, margens e exageros.” (p.243).

Ao mesmo tempo, Simões e Facchini (2009) apontam para como falar do movimento LGBT é falar de mercado, na medida em que houve certa apropriação enquanto segmento comercial, seja pelos produtos consumidos pelas pessoas LGBT, seja pela constância de eventos específicos ao público, políticos e/ou turísticos, já que “(...) a expansão dos espaços de sociabilidade homossexuais tomou as características de um mercado segmentado que contribuiu significativamente para produzir novas expressões, simultaneamente comerciais e associativas, da homossexualidade” (SIMÕES & FACCHINI, 2009, p.148).

Os direitos das pessoas LGBT no Estado de Santa Catarina e no município de Florianópolis configuram-se através dos dispositivos legislativos que se seguem no quadro 1.

Quadro 1: legislação do Estado de Santa Catarina e do município de Florianópolis sobre pessoas LGBT.

Dispositivo	Data	Instancia	Autor	Assunto
Lei nº12.574	04/04/2003	Assembléia Legislativa Estadual de Santa Catarina	Dep. Ideli Salvatti (PT)	Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências.
Lei nº 7476/2007	9/12/2007	Câmara de Vereadores de Florianópolis	Ver. Angelina Albino (PCdoB)	Dispõe sobre a criação do dia municipal de combate à homofobia, lesbofobia e transfobia.
Lei nº961/2009	4/09/2009	Câmara de Vereadores de Florianópolis	Ver. Tiago Silva (PDT)	Dispõe sobre a promoção e o reconhecimento da liberdade de orientação, prática, manifestação, identidade, preferência sexual e dá outras providências.
Lei nº 15.801	4/01/2010	Assembléia Legislativa Estadual de Santa Catarina	Dep. Angela Albino (PCdoB)	Institui o Dia Estadual de Combate à Homofobia e à discriminação e a Violência em razão de orientação sexual.
Lei nº 8207/2010	7/03/2010	Camara de Vereadores de Florianópolis	Ver. Tiago Silva (PDT)	Institui o dia municipal do orgulho gay e da consciência homossexual.
Lei nº526	8/12/2010	Governo Estadual	Gov. Leonel Arcangelo Pavan (PSDB)	Estabelece penalidades a serem aplicadas à pessoa jurídica de direito privado que permitir ou tolerar a prática de atos atentatórios e discriminatórios aos direitos individuais e coletivos em razão de preconceitos de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, gênero ou orientação sexual.
Decreto Nº9998/2002	6/12/2012	Prefeitura Municipal de Florianópolis	Pref. Dario Berger (PMDB)	Institui o I Plano Municipal de Políticas e Direitos Humanos LGBT.

Em relação à Grande Florianópolis (SC) o Fórum Diversidade da Grande Florianópolis (2015) registra a atuação de 21 entidades e instituições, conforme quadro 2.

Quadro 2: Entidades e seguimentos representados no Fórum Diversidade da Grande Florianópolis, 2015.

Seguimento	Nome	Descrição
Autarquia	OAB/SC	Comissão da Ordem dos Advogados do Brasil, que tem por objetivo intensificar os debates sobre a diversidade sexual, busca pela igualdade e dos direitos não reconhecidos da população LGBT.
Coletivo	CALISS – Centro Acadêmico Livre de Serviço Social	Entidade máxima de representação e coordenação do Corpo Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
	Desdobrando Arte	Associação Cultural atuando na área de entretenimentos, especialmente junto às pessoas LGBT.
	GOZZE – Coletivo de Luta pela Diversidade sexual	Congrega estudantes de diversos cursos da UFSC, com intervenções na promoção de discussões e visibilidade política.
	Grupo Negro 4P	Coletivo de estudantes de todos os cursos da UFSC tem por objetivo a representação de pessoas negras e denúncias sobre racismo na universidade.
	UJS – União da Juventude Socialista	Movimento Estudantil com enfoque socialista.
Grupo de Pesquisas	EPICEN@S: Núcleo de Estudos em Gênero e Saúde	Grupo de Pesquisa do Departamento de Saúde Pública da UFSC, realizando pesquisas na articulação entre Sociologia, Saúde Coletiva e Gênero na sociedade contemporânea.
	MARGENS – Modos de vida, família e relações de Gênero	Grupo de Pesquisa do Departamento de Psicologia da UFSC, que desenvolve pesquisas relacionadas à vida sexual e reprodutiva, paternidade e masculinidade, sexualidade na adolescência, relações amorosas entre jovens universitários, organizações familiares contemporâneas.
	NEDAS – Núcleo de Estudos Democracia e Associativismo em Saúde	Grupo de Pesquisa vinculado ao Departamento de Saúde Pública da UFSC, desenvolve pesquisas nas relações entre Democracia e Saúde, pela especificidade do caráter associativo dos grupos sociais.
	NIGS – Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades	Grupo de Pesquisas vinculado ao Departamento de Antropologia da UFSC, desenvolve pesquisas relacionados à temática de gênero e seus entrecruzamentos com temas como violências, sexualidades, conjugalidades e parentalidades, masculinidades, movimentos sociais, educação, ensino de antropologia, ensino religioso, política, religiosidades, afetos, moralidades, trabalho, ciência e tecnologia e na produção de campos científicos.
	NUSSERGE: Núcleo de Estudos em serviço social e relações de Gênero	Grupo de pesquisas vinculado ao Departamento de Serviço Social da UFSC, desenvolve pesquisas sobre relações de gênero, gerações, classe, raça/etnia e suas configurações com a questão social.
Instituição	IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina

de Ensino	UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina.
	UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina.
ONG	ACONTECE – Arte e Política LGBT	Atuação frente a defesa e promoção da liberdade de orientação sexual a pessoas LGBT através de intervenções políticas, artísticas e culturais.
	ADEH – Associação em Defesa dos Direitos Humanos com enfoque na sexualidade	Atua na garantia de direitos, da promoção de saúde e da discussão no campo dos Direitos Humanos e das políticas TLGB (Travestis, Transexuais, Lésbicas, Gays e Bissexuais). Participa da Comissão Municipal de Aids de Florianópolis (CMAIDS) e possui titularidade no Conselho Estadual de Assistência Social.
	FAÇA – Fundação Açoriana para o Controle da AIDS	Entidade Civil de caráter científico, educacional, assistencial e promocional, que aplica integralmente suas rendas, recursos e eventual resultado operacional na manutenção e desenvolvimento dos objetivos institucionais.
	GAPA/SC	Atua no atendimento a pessoas soropositivo, com parceria junto ao Governo Estadual. Tem titularidade nos Conselhos Estadual e Municipal de Saúde.
	GPH – Grupo de Pais de Homossexuais	Atua frente a demanda de Pais e Mães de Homossexuais, no intuito de suprir a falta de um ambiente seguro e acolhedor onde pais e mães possam trocar informações e experiências sobre seus filhos e, se for o caso, solidarizarem-se durante o difícil processo de aceitação.
	INSTITUTO ARCO-ÍRIS	Realiza intervenção em campo junto a profissionais do sexo, moradores de rua, populações privadas de liberdade, adolescentes e jovens das comunidades em situação de vulnerabilidade econômica e social.
	RNP – Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS	Organização nacional de pessoas vivendo com HIV/AIDS, sem vínculo político-partidário e religioso, que atua na promoção do fortalecimento das pessoas sorologicamente positivas para o vírus HIV, independente de gênero, orientação sexual, credo, raça/cor ou etnia e nacionalidade.
ROMA – Instituto de Diversidade Sexual da Grande Florianópolis	Organização não-governamental que trabalha com as temáticas de Direitos Humanos, LGBT e pessoas com necessidades especiais. Nossas ações estão abrangem educação, cultura, saúde, esporte e segurança pública.	

4. FOTOGRAFIA, SOCIOLOGIA E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Tempo imobilizado: o conteúdo está em repouso
e o tempo, imóvel.
Stephen SHORE, "A natureza das fotografias".

O uso de imagens é caro para a Sociologia, especialmente nos trabalhos que empregam a chamada Sociologia Visual, constituindo-se como ricas fontes de informações sobre aspectos muito variados da vida social e cultural, fazendo de seu uso um campo rico de desafios metodológicos e de complexas interpretações para o pesquisador. O uso das fotografias como informação dos processos sociais e culturais tem uma história intimamente relacionada ao desenvolvimento das Ciências Sociais no século XX. Particularmente os trabalhos de Mead e Bateson (1942) são considerados como pioneiros do filme etnográfico e fotografia em Bali, com grande influência no desenvolvimento da sociologia empírica visuais.

Na concepção de Grady (2006) a Sociologia Visual é um subcampo da pesquisa social em que são utilizadas imagens e outros indicadores visuais de análise da sociedade e da cultura.

O desenvolvimento da Sociologia no século XX desenvolveu a sua identidade como um campo de estudo, firmando-se sobre o conceito de que a vida social não poderia se reduzir ou ser entendida através de elementos e processos oriundos apenas dos paradigmas da biologia ou da psicologia do indivíduo. Apesar dessa característica, em muito o uso de fotografia foi desenvolvido na procura por dados, em uma concepção desse instrumento como documento, como provas para as teorias sociais, com grande enfoque racista e darwinista social.

Dado esse uso, a fotografia que, na concepção de Becker (1974) nasceu no mesmo período que a Sociologia, passou a ser usada com menor expressão enquanto técnica de informações sobre o social, sendo praticamente esquecida na Sociologia até a década de 1970, através do ensaio histórico de Becker "Fotografia e Sociologia" (Becker, 1974).

Com o efeito desse ensaio, diversos pesquisadores mundiais voltaram seu interesse para a consecução da sociologia visual e, em 1983, foi formada a Internacional Visual Sociologia

Association (IVSA), cujo princípio ético original foi o cuidado de resgatar junto ao corpo de trabalhos fotográficos pré-existente na Antropologia, Psicologia, fotografia documental e do cinema. O amplo desenvolvimento do uso de imagens na Sociologia Visual revela, portanto, a procura pela consolidação de uma área, tanto em termos dos impactos da imagem na sociedade contemporânea, como também o interesse pelas possibilidades de aplicações que, conforme Harper, podem se dar por três importantes dimensões na relação entre as imagens e os processos sociais.

Para Gold (2011) a Sociologia Visual incorpora duas atividades distintas, mas intimamente relacionadas: a análise da imagem visual que pode trazer elementos dos grupos sociais e contextos em que são produzidas e utilizadas, assim como a criação de documentos visuais que possibilitem registrar informações sociais.

Echavarren (2009) afirma que a imagem é um acontecimento social e faz parte dos ritos sociais da sociedade ocidental no século XXI, estando incluída na maioria dos processos sociais, seja na produção ou reprodução de relações sociais, legitimando estruturas sociais, na construção de identidades, ou na interação social. Segundo o autor, não é possível a dissociação da vida em sociedade da dimensão visual, na medida em que as pessoas estão rodeadas constantemente por imagens, especialmente no século XXI, em que a mídia de massa e a internet ganharam proeminência nas relações sociais, inclusive interferindo diretamente na vida social. “El fenomeno visual há llegado há afectar la forma em la que la persona estructura u categoriza el mundo sensible. Determina lo que es real y falso, lo bueno y lo malo. Si algo no es capitado por uma imagen no es real, no existe.” (ECHAVARREN, 2009, p.1), ao passo que a dimensão textual das informações já não tem creditação por si mesma, necessitando das imagens para que a sociedade lhe legitime, de forma que “La Sociología Visual no trata de lo visual. Trata de las relaciones y procesos sociales incluídos en lo visual” (idem, p.2).

Na abordagem de Echavarren (2009), a fotografia é uma estratégia de socialização das pessoas, pela característica de que é fixa no tempo, transcendendo a ação, o que permite análise. A experiência fotográfica transcende o tempo, na medida em que mantém as características registradas. “La foto representa la

realidad, pero no es la realidad misma. (...) la imagen tiene algo de persona.” (Idem, p.7-8). As fotografias, são, dessa maneira, criações humanas que se reificam e que adquirem sentido aparentemente objetivo para o ator social, influenciando na ação social. A fotografia tem valores que surgem de textos diferentes, que são interpretações sociais sustentadas por formas ideológicas que lutam no campo do poder, segundo Echavarren (2009), sendo um artefato rico para a pesquisa social.

Paralelamente, o referente fotografado é sempre discriminado entre muitos possíveis, e, capturada, é potente em conduzir ou provocar ações e significados para o leitor da fotografia. O significado pretendido no ato fotográfico é um dos possíveis significados de determinada realidade social, mas que não excluem os significados alternativos (idem).

Em primeiro lugar, as imagens são construções emblemáticas, o que significa que são representações de algo significativo que alguém criou para algum propósito em um determinado ponto no tempo (HARPER, 2012; BARTHES, 2015; KOSSOY, 2009). Assim, não só as imagens envolvem história e política, mas também revela trajetórias que confluem para o momento de registro da imagem, com diferentes significados aos elementos que a compõe e a eles são imputados.

Em segundo lugar, as imagens contêm informações tanto comportamentais e como simbólicas dos processos sociais (HARPER, 2012; KOSSOY, 2009). Assim, ao passo que todas as imagens são produzidas como atos de subjetividade humana para fins que podem não ser imediatamente aparente, sua própria fisicalidade garante que o que é representado é o produto objetivo de um ato concreto de representação. Todas as fotografias, por exemplo, representam mais ou menos claramente o que foi enquadrado pela câmera no momento em que a foto foi tirada, mas também se identificam com o ponto de vista da câmera e, presumivelmente, do fotógrafo (BARTHES, 2015; KOSSOY, 2009).

Uma terceira dimensão refere-se a característica das imagens como estratégias de comunicação. No uso comum são usadas para contar, ou informar, historiar algo. Além da informação que transmitem essas histórias, as imagens também têm uma função retórica que é inseparável de seus valores de verdade construídos, no ato, nos elementos que do momento do congelamento (KOSSOY, 2009), no olhar e ação do fotógrafo e,

ainda mais, no observador da imagem final (HARPER, 2012; BARTHES, 2015).

Imergir na discussão sobre o(s) uso(s) da fotografia demanda interagir com as disputas históricas sobre o que a Fotografia é. Das abordagens mais tradicionais, que a consideram, ou buscam construí-la, como uma representação da realidade, às posições mais pós-estruturalistas, para as quais a fotografia é uma realidade construída e que tem por lastro um referente – seja enfoco ou não -, o presente trabalho parte do diálogo da fotografia como linguagem e, assim, houve intencionalidade e decisão nas escolhas dos teóricos da fotografia utilizados. Partira-se do ponto de vista – termo caro ao ato fotográfico – de que a fotografia é situacional, ideológica e distante da representação de um real dado.

A orientação do presente trabalho se alinha ao que Machado (2015, p.47) analisa sobre a impossibilidade de imparcialidade, objetividade e registro de “realidade” no ato fotográfico:

Se não existir a câmera escura, a lente com seu poder organizador dos raios luminosos, um diafragma rigorosamente aberto como manda à análise da luz operada pelo fotômetro, um obturador com velocidade compatível com a abertura do diafragma e a sensibilidade da película, se não houver ainda uma fonte de luz natural ou artificial modelando o referente e um operador regendo tudo isso, também não haverá fotografia, muito embora o candidato a referente possa estar disponível. A ênfase no referente, a concepção da fotografia como reflexo bruto da “realidade” se pode justificar como postura estratégica, isto é, ideológica. Resta saber que ideologia é essa.

Para o historiador e teórico da fotografia Boris Kossoy, “A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, o objeto de registro, no contexto da vida passada. (...) Tem uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente.” (KOSSOY, 2009, p.22).

A imagem fotográfica tomou um papel significativo nas relações sociais a partir do século XX. “O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado. (...) graças à sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências).” (KOSSOY, 2014, p.31). Dada a sua importância nas relações sociais, as fontes fotográficas apresentam potencial para a investigação, recuperando elementos do cotidiano, segundo o autor. Ainda sobre o papel da imagem fotográfica nas sociedades contemporâneas, Sontag afirma que “(...) o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo interior em nossa cabeça – como uma antologia de imagens.” (SONTAG, 2004, p.13).

O fotógrafo em outras partes do presente trabalho chamado de operador, elege determinados elementos e aspectos na composição da fotografia. Particularmente, na concepção de Kossoy (2014), registrar uma imagem implica tanto na construção de um artefato oriundo da atitude do fotógrafo frente a cena, de forma que o próprio fotógrafo se registra “(...) enquanto forma de expressão pessoal” (KOSSOY, 2014, p.46). Acrescenta ainda que “Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo em que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho.” (KOSSOY, 2014, p.54).

Machado (2015) aponta que não há como se falar de fotografia sem a pauta dos signos, definidos por ele como “(...) materialidades viabilizadas por instrumentos e enunciadas por sujeitos (...) que se interpõem na produção de signos como elementos de refração da realidade, elementos esses que interpretam, reformulam, transmutam os sentidos segundo a especificidade de sua realidade material, sua história e seu lugar na hierarquia social.” (MACHADO, 2015, p.25).

O autor alerta que os signos são produzidos no desenvolvimento dos grupos sociais, com valorizações próprias e hierarquizadas pelo corpo social, em um processo contínuo de preenchimento de sentidos – explícitos e implícitos – para valerem-se nos processos de trocas simbólicas cotidianas. Daí a importância do foco, mais do que para as questões técnicas da composição da imagem, na medida em que “O foco impõe um

leitura do evento, organiza o espaço de modo a torna-lo inteligível” (ibidem, p.135).

Dessa concepção, cabe a reflexão de que as coisas não são no referente como elas se mostram na fotografia e, mesmo a aparência de familiaridade para o espectador é decorrente de relações sociais, valorativas e simbólicas que operam tanto a composição da imagem como do mundo social em que o leitor se insere. “A realidade não é essa coisa que nos é dada pronta e predestinada, impressa de forma imutável nos objetos do mundo: é uma verdade que advém e, como tal, precisa ser intuída, analisada e produzida” (MACHADO, 2015, p.48). Para Kossoy (2009), deve-se atentar que a fotografia é produzida e é construção de representações e, nesse processo, incidem no tecido das imagens as intencionalidades sociais e culturais, que se materializam através de determinada escolha estética e ideológica, de acordo com operador da câmera. É, portanto, “representação elaborada” (KOSSOY, 2014b).

Machado (ibidem) teoriza a chamada “imagem espetacular” como resultado de um processo histórico e de uso ocidental/capitalista das fotografias, dotando um sentido ou busca de sentido de realidade nas fotografias valoradas como “corretas”, indicando o processo de disciplinarização que acompanha tanto a produção, o ato fotográfico, como a leitura “naturalizada” do produto pelo espectador. O autor ainda constata que “(...) diante de uma foto ninguém pode negar que ‘a coisa esteve lá’: a presença do objeto fotografado nunca é metafórica” (ibidem, p.45), trazendo a discussão de Roland Barthes, para o qual a ordem fundadora da fotografia é a referência, nem a arte, nem a comunicação. Como também alerta Kossoy “Isto é próprio da natureza da fotografia: ela nos mostra alguma coisa, porém seu significado a ultrapassa” (KOSSOY, 2014, p.62).

Ampliando o conceito de Barthes de que sem referente não há fotografia, Machado afirma que “Só com o referente, muito menos” (ibidem, 2015, p.47). No entanto, paira sobre o que pode ser dito como referente e o que deve ser interdito, relações sociais reificadas na forma e conformação das materialidades da cena. Concordando com Bourdieu (2003), Machado (2015) alude que cada grupo social apresenta um repertório de situações e eventos fotografáveis, construídos a partir de seus processos de eleição valorativa e diferenciação frente aos

outros grupos sociais, revelando nas imagens fotográficas prioritariamente a imagem que o próprio grupo faz de si mesmo.

Tomando a fotografia como um espaço de significações, ao eleger determinado referente o operador ocupa um lugar que, como sujeito, permite que enuncie a representação. Como efeito, ao observar a fotografia, ao espectador há certa transferência de subjetividade, ocorrendo, segundo Machado (2015), “um ‘assujeitamento’ do espectador, pois em toda construção perspectiva unilocular esse último se identifica com o sujeito e vê a cena como se fosse ele.” (ibidem, p.104).

Da escolha do referente pelo operador, passando pelo ato e a produção fotográfica, a análise do processo recai no papel do espectador da imagem como alguém que endossa a forma instituída. Segundo Machado (ibidem) “(...) o nosso olho apenas pode mover-se em direção aos pontos que o olho enunciador aponta na cena.” (ibidem, p.11), constatando que a imagem na fotografia é “(...) construída pela posição que o olho/sujeito ocupa em relação ao motivo. (...) Isso significa que quando vemos uma foto não é simplesmente a figura que nos é dada a olhar, mas uma figura olhada por outro olho que não o nosso” (ibidem, p.107).

No entanto, há certa agência interpretativa para o espectador para Kossoy (2014), na medida em que “(...) a fotografia será sempre uma interpretação” (ibidem, p.128). Seja pela questão de transcurso temporal entre o ato fotográfico e a leitura da fotografia por parte do espectador, seja pela falta de informações contextuais sobre a imagem, Kossoy (2014) defende que o significado profundo da imagem não é explícito.

Na leitura da imagem pelo espectador “O vestígio da vida cristalizada na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos ausentes na imagem” (ibidem, p.132), de forma que o espectador “completa” os elementos que vê com sentidos/significações próprios, sem o compromisso de verdade com o referente e/ou a intencionalidade do operador. Essa também é uma posição assumida por Barthes (2015).

Especificamente sobre o referente registrado na fotografia, Machado afirma que existe uma dupla ocultação: o foco oculta tanto na cena enquadrada mesma assim como o recorte esconderá elementos para a além da cena. Essa característica dos ocultamentos refere-se ao que Machado (ibidem) afirma ser a

posição de presença que a câmera toma frente ao objeto e as relações de classe e de poder.

A tomada de ângulo da fotografia parte de “(...) mecanismos subterrâneos e ‘invisíveis’ de instauração do sentido” (ibidem, p.130). Por exemplo, em situações de disputa política o lugar do qual o fotógrafo toma o ato fotográfico indica as relações de poder que possibilitam (não) dizer o enunciado construído pela imagem.

O lugar que a câmera ocupa para mirar seu objeto não é nunca um espaço neutro ou aleatório. (...) o espaço já está de antemão esquadrinhado e ocupado, como num operação militar, e que os ângulos privilegiados de visão, aqueles que permitem maior intimidade com o objeto, nem sempre estão disponíveis. (...) o ato de fotografar exige mais que a simples posse da câmera, (...) exige a credencial do ocupante e beneficiário da cena. (MACHADO, 2015, p.118).

Sobre o caráter discursivo da fotografia, afirma Sontag “Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de olhar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver.” (SONTAG, 2004, p.13).

Ao discutir os usos sociais e a fotografia enquanto objeto de análise social, Bourdieu (2003) afirma que a Sociologia hierarquiza o que pode e o que não pode ter legitimidade, em decorrência do primado da objetividade e do positivismo, mesmo em abordagens compreensivistas como a weberiana. Ainda defende que “A Sociologia supõe, por sua existência mesma, a superação da oposição fictícia que os subjetivistas e os objetivistas fazem surgir arbitrariamente” (BOURDIEU, 2003, p.38).

Para Bourdieu mesmo quando se trata de pesquisas sociológicas que se valem de entrevistas, há a procura por objetivações das subjetividades “(...) que não se oferece nunca imediatamente, nem aos que estão comprometidos com a prática, nem a quem os observa de fora”, (BOURDIEU, 2003, p.39) de forma que “(...) a descrição da subjetividade objetivada remete a

da interiorização da objetividade. Os três momentos do processo científico são, por tanto, inseparáveis: o vivido imediato, captado através de expressões que velam o sentido objetivo ao mesmo tempo que o revelam na análise das significações objetivas e das condições sociais de possibilidade dessas significações; e esta análise apela a construção da relação entre os agentes e a significação objetiva de suas condutas”. (BOURDIEU, 2003, p.40).

Como argumento, retornando as ideias que desenvolve em outros trabalhos, relembra Bourdieu:

(...) posto que os sujeitos não guardam toda a significação de seus comportamentos como um dado imediato da consciência e que suas condutas encerram sempre mais sentido do que podem conhecer e querer, a sociologia não pode ser uma ciência puramente reflexiva que acede a certeza absoluta somente pelo retorno da experiência subjetiva, e pode constituir-se, por ela mesma, como uma ciência objetiva do objetivo (e do subjetivo), é decidir, como uma ciência experimental, sendo a experiência, como disse Claude Bernard, a ‘única mediação entre o objetivo e o subjetivo’”. (BOURDIEU, 2003, p.38-9).

Analisando o uso da fotografia e sua produção enquanto elemento da vida cotidiana, Bourdieu analisa que, a despeito das questões técnicas da máquina fotográfica em si e o efeito de infinitas possibilidades objetivas de se tomar uma fotografia, os grupos sociais fazem escolhas que selecionam uma gama finita e definida de sujeitos, gêneros e composições de imagem, relacionadas aos laços sociais e experiências vivenciais daqueles que pertencem a determinado grupo, referindo-se assim ao ethos do que é fotografável e do que não o é.

Paralelamente, Boltanski (2003, p.209) afirma que o ato fotográfico produz uma imagem que é simbólica, de forma que os referentes que registram-se no produto do ato devem remeter à um telon de fundo, a uma memória, e resumir um sentido conotado ao tema que discursa. “A fotografia é drama, da rapidez com que este se produz e do imprevisível (...). A habilidade do fotógrafo reside, portanto, essencialmente na vivacidade de seu

olhar e de seus gestos”. O caráter discursivo da fotografia também é aludido por Bourdieu, na medida em que compõem-se como

(...) é um lugar privilegiado da afirmação das diferenças, na medida em que a intenção de distinguir-se se cumpre mais comodamente nas afirmações de princípios que numa prática real, e na que a lógica do empréstimo cultural faz que as formas exteriores e o aspecto superficial de uma conduta se transmitam mais facilmente que as atitudes profundas que as sustentam. Em outras palavras, não havendo adquirido a atitude generalizada a adotar diante de qualquer objeto a atitude estética que corresponderia a suas intenções, incluindo os mais devotados às vezes estão condenados a contradizer com seus atos suas exigências teóricas. Assim, poderia decidir-se que expressam suas intenções de originalidade estética tomando outros objetos, em vez de fotografar de modo diferente os mesmos, rejeitando as funções rituais em vez de infundir nelas significações novas.” (ibidem, p.105).

A respeito da produção da fotografia por quem opera a câmera, o autor afirma que

Posto que é uma ‘eleição que louva’ e cuja intenção é fixar, é decidir, solenizar e eternizar, a fotografia não pode ficar entregue aos azares da fantasia individual e, pela mediação do habitus – internalização de regularidades objetivas e comuns -, o grupo subordina esta prática a regra coletiva, de modo que a fotografia mais insignificante expressa, ademais das intenções explícitas de quem a tem por direito, o sistema dos esquemas de percepção, de pensamento e de apreensão comum a todo um grupo. (BOURDIEU, 2003, p.44).

O fotografável em determinada classe social é determinado pelos modelos implícitos tanto de prática como do produto da prática fotográfica “(...) posto que estes determinam objetivamente o sentido que confere um grupo ao ato fotográfico como promoção ontológica de um objeto considerado digno de ser fotografado, ou seja, fixado, conservado, mostrado e admirado” segundo Bourdieu (2003, p.44). Afirma ainda que “as normas que organizam a captação fotográfica do mundo, segundo a oposição entre o fotografável e o não-fotografável, são indissociáveis do sistema de valores implícitos próprios de uma classe, de uma profissão ou de um círculo artístico, respeito do qual a estética fotográfica não é mais que um aspecto, ainda quando pretenda, desesperadamente, a autonomia.” (BOURDIEU, 2003, p.44).

Bourdieu (2003) alerta que, a despeito da distância da pesquisa social para as opções estéticas em registros fotográficos, existem regras implícitas e explícitas que compõe e dispõem os elementos na materialidade, o que ele atribuirá o conceito de estética. A exemplo, o autor menciona que seja em uma partida de Rugby ou na ação de assentar uma cerca em uma propriedade, existem normas sociais do que é considerado formoso, e que essas regras tem existência nas fotografias, sejam nas planejadas, sejam nas espontâneas. Existem opções de possibilidades e de impossibilidades que traduzem funcionamentos e regras do ethos no cotidiano estético dos grupos sociais e de seus laços estabelecidos.

Ainda quando não obedece a lógica específica de uma estética autônoma, os juízos e os comportamentos estéticos se organizam de uma maneira igualmente sistemática, embora a parti de um principio muito diferente, posto que a estética não é senão uma dimensão do sistema de valores implícitos, ou seja, do ethos do pertencimento à uma classe. (BOURDIEU, 2003, p.46).

Bourdieu apresenta que, ao tomar a fotografia como objeto de estudo sociológico, deve-se estabelecer como se regulam e se organizam as práticas individuais a ela associada em cada grupo social e como a conferem funções que respondam aos interesses deste. Adverte que a fotografia não deve ser tomada como um fato individual e sim que o sociólogo deve a ela dirigir-se buscando a significação e a função que os próprios grupos reais atribuem a fotografia, uma vez que ela está diretamente ligada a

estrutura do grupo, a sua maior ou menor diferenciação e, sobretudo, a sua posição na estrutura social.

Sobre o uso sociológico e metodológico da fotografia, Bourdieu afirma que

(...) é natural que a fotografia seja objeto de uma leitura que poderíamos chamar sociológica, e que nunca seja considerada em si mesma e por si mesma, segundo suas qualidades técnicas ou estéticas. (...) A fotografia apenas deve proporcionar uma representação o suficientemente fiel e precisa para permitir o reconhecimento. Se procede a uma inspeção metódica e a uma observação prolongada, segundo a mesma lógica que guia o conhecimento dos outros na vida cotidiana. (...) Interessa saber como estavam constituídas as paredes; se analisa e compara o campo de relações sociais de cada uma das famílias; se advertem as ausências, indício de desavenças, e as presenças, que produzem felicidade. A fotografia de casamento, em suma, é um verdadeiro sociograma, e que se interpreta ademais como tal. (BOURDIEU, 2003, p.60-1).

Para Bourdieu (2003) o uso da fotografia nos laços sociais parte das ideias de cerimonial e de solenidade como, em decorrência, de certa eternização daqueles que ocupam determinados papéis que o grupo atribui a si mesmo e entre seus participantes. Assim, conceitua que “O que se fotografa e o que o observador da fotografia captaram não são indivíduos em sua particularidade singular, senão papéis sociais ou relações sociais” (BOURDIEU, 2003, p.62).

Além disso, o autor defende que a fotografia cumpre função na consolidação de laços sociais com pessoas distantes, haja vista para o exercício social do vínculo nas fotografias escolhidas de pessoas que geograficamente estão longe, mas que, dada sua importância em determinado grupo social, tem seus retratos e dos momentos de convívio eternizados nas casas e lugares de importância, como se continuamente estivessem ali sem estar mais, no que o autor chama de técnica de reiteração dos laços sociais (ibidem, p.65). Afirma Bourdieu “Ela mesma (a

fotografia) não é outra coisa que a reprodução da imagem que o grupo da de sua integração” (ibidem, p.64).

A produção da informação que traz a fotografia para Bourdieu (ibidem, pp.93-5) refere-se à quatro aspectos:

1. Normas Gerais: implicitamente contidas nas normas particulares do contexto fotografável, mas que revelam aspectos e valores do funcionamento geral nos quais os particulares se inspiram;
2. Enunciado: o que a fotografia diz/retrata de uma norma particular;
3. Evocação: operação que constrói uma conduta real como objeção à si mesma;
4. Racionalizações: explicações das condutas por causas secundárias.

Por isso, Bourdieu (ibidem, p.98) afirma que “Objeto ou prática, a fotografia é, desse modo, sempre reinterpretada segundo a lógica do sistema de valores implícitos que domina a sociedade. A imagem fotográfica, inovação que se utiliza sem que se adapte totalmente, é recebida na medida em que pode cumprir uma função social.”

Na produção da fotografia consideram-se as expectativas e opções estéticas que revelam tanto o funcionamento como as distinções entre os grupos sociais, regulando a prática fotográfica. “(...) Investida de valor, posto que satisfaz as exigências de realismo e de legitimidade e responde melhor que a pintura (em todo caso, que a pintura moderna) às expectativas estéticas, a fotografia é frequentemente objeto de uma adesão imediata e indiferente às regras convencionais que regem o consumo estético da classe culta.” (ibidem, p.100).

A respeito da posição do operador da câmera, Bourdieu (ibidem, p.109-10) discorre que fotografar é enunciar discursivo, e que revela uma relação, não algo objetivo em si, revelando a adesão a um sistema de normas coerentes e que possibilitam determinada enunciação do enunciado. Nas palavras do autor, “Objeto de estereótipos inumeráveis, a atividade fotográfica implica mais que nenhuma outra (com exceção talvez do turismo) a consciência da imagem objetiva da prática; e cada fotógrafo particular se refere objetivamente, em sua própria

execução, a imagem que tem da imagem dos outros e que os demais têm da sua imagem.”.

5. DAS IMAGENS AO TEXTO: SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

A idéia de que o homem inventa suas próprias realidades não é nova.
Roy WAGNER, “A invenção da cultura”.

Trata-se de um trabalho erigido na Sociologia Visual. Para tanto, as fotografias se constituíram como principal fonte de informações, com a contribuição do uso de diário de campo e pesquisa documental na mídia impressa e virtual, como recursos para a construção dos sentidos produzidos sobre o campo político LGBT em Florianópolis. A despeito da centralidade da fotografia e da opção pela Sociologia Visual, julga-se que a informação vivencial do pesquisador é fundamental para a construção da informação fotográfica, tanto quanto para a análise e produção de sentidos no campo. Dessa maneira, foi empregado o Diário de Campo como ferramenta no processo de pesquisa.

Vale ressaltar as recomendações de Becker, sobre a produção de conhecimento sobre os fenômenos sociais.

Em face desta quantidade de dados ‘ricos’ e variados, o pesquisador enfrenta o problema de como analisá-los sistematicamente e, então, apresentar suas conclusões de modo tal que convença outros cientistas de sua validade. A observação participante (na verdade, a análise qualitativa de modo geral) não se saiu bem com este problema e, geralmente, as evidências completas para as conclusões e os processos através dos quais elas foram alcançadas não são apresentados, de modo que os leitores se veem em dificuldades para fazer sua própria avaliação sobre elas e têm que confiar em sua fé no pesquisador. (BECKER, 1993, pp. 48-49).

Como parte fundamental da Etnografia, a construção do diário de campo é um assunto polêmico e polissêmico. Para Geertz (1989, p.17) é importante uma ‘descrição densa’ das manifestações sociais e políticas encontradas no campo, tanto em termos de construir pontos de vista dos agentes no campo, como em procurar por soluções e interpretações atribuídas

discursivamente aos acontecimentos que cercam e constroem a temática investigada.

A despeito de não se tratar de um projeto em Sociologia Visual, em que o conceito de cultura não será empregado, em termos da construção do diário de campo, é importante ressaltar as considerações de Geertz que se seguem.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (...) Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade. (Geertz, 1989, pp.15-20).

Na construção do Diário de Campo, foram empregados registros que incluíram notas das observações, insights teóricos e das tensões políticas envolvidas, mapeamentos, e indicação de documentos. A cada evento significativo ao projeto, foi feito um relato de forma o mais minuciosa possível, tanto dos acontecimentos ocorridos em campo como as impressões subjetivas decorridas destes acontecimentos, e suas relações teóricas.

Na medida em que os conflitos políticos na sociedade contemporânea tomam também como palco para manifestações e expressões dos agentes implicados o ciberespaço, parte importante e fundamental partiu da busca por objetos e/ou peças, conforme conceituação de Montardo & Rocha (2005), localizadas na internet.

Montardo e Passerino (2006) afirmam que os elementos existentes no ciberespaço registram usos e costumes de certa

comunidade digital de pessoas que se organizam virtualmente em torno de determinada temática, sendo uma ferramenta importante para a análise dos fenômenos sociais contemporâneos e seus sentidos, tal como defendido por Kozinets (2002, 2010). Cabe ressaltar que as informações advindas do ciberespaço podem ser tomadas como artefatos culturais e, como tal, com potenciais de auxílio no processo explicativo e elucidativo dos fenômenos sociais.

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos, indica também (...) que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008).

A proposição de empregar imagens para analisar as relações sociais é um desafio, na medida em que mesmo o debate entre o uso de dados quantitativos e/ou informações qualitativas ainda não está plenamente resolvidos nas Ciências Sociais e outras áreas do conhecimento humano. No entanto, a tarefa apresenta diversos aspectos interessantes ao pensador sobre a Sociedade e os indivíduos nessa.

Uma primeira questão é a própria relevância da imagem e do imagético para a sociedade contemporânea, ainda mais no que se trata a ocupação dos espaços públicos, assim como o significado e importância dessa ocupação em temáticas de disputa e divergência política tal como a problemática LGBT. As imagens, conforme apresentando anteriormente no presente trabalho, transformaram-se também em um espaço político com o advento da internet e como as redes sociais, a mídia e a propaganda e marketing adquiriram significados além da representação da verdade em si, permeando, condicionando e contextualizando as possibilidades de relações contemporâneas.

Uma segunda questão trata da forma de utilizar-se de imagens para finalidade de construção de conhecimento sociológico. Na medida em que se trata de uma proposta que imerge não apenas no registro dos eventos, mas também da

construção de uma linguagem a partir do pesquisador, não há como se valer de um trabalho que apenas apresente os elementos das fotografias. Trata-se de uma seleção de imagens e, a partir delas, de elementos dos eventos, que tem finalidade e origem política. Nesse sentido, talvez, esteja a diferença entre o uso da imagem pela Sociologia Visual e o uso pelo Jornalismo. A abordagem crítica em si não as diferencia, necessariamente. No entanto, o uso como sustentação para abordagens estranhadas ou inaparentes dos fenômenos talvez seja um caminho possível para entender a diferenciação. Segundo Martins (2016, p.15) “(...) o real é a forma objetiva de como a ficção subjetiva do fotografado interfere na composição e no dar-se a ver para a concretização do ato fotográfico”.

Riessman (2008) afirma que três elementos devem ser considerados no uso de imagens pela Sociologia Visual: a trajetória da produção de uma imagem, a imagem em si, e como ela é lida por diferentes audiências. Por meio de contato prévio com a cena política LGBTT, levantou-se a existência dos seguintes momentos importantes para o computo do presente trabalho, que revelam as tensões implicadas na temática:

- Setembro de 2015: VIII Parada da Diversidade de Florianópolis (LGBTT).
- Fevereiro de 2016: PopGay (LGBT), Vexame e V Parada da Diversidade de São José
- Setembro de 2016: IX Parada da Diversidade de Florianópolis

Em relação ao recurso fotográfico, todas as fotografias utilizadas são originais, operadas pelo próprio pesquisador. No ato fotográfico se atentou para aspectos tais como:

- a participação nos eventos por tempo integral, de seu início ao seu término;
- observação de todos os aspectos que chamem atenção em relação a conteúdos de cunho político;
- as fotografias serão produzidas com os mesmos parâmetros técnicos, a exceção da exposição, uma vez que parte dos eventos se dá no período diurno e outros no noturno.

Com relação ao diário de campo, tanto a participação em si em cada evento, como todos os desdobramentos e, anteriormente, o levantamento de informações e reflexões prévias, foram registrados, com finalidade de análise posterior. Particularmente, as impressões do pesquisador sobre cada um dos eventos foi registrada de uma maneira densa e analítica, buscando estabelecer relações internas ao desdobramento de cada evento, como a relação entre os eventos e as teorias de sustentação da pesquisa.

Também foi realizada um levantamento de reportagens e documentos que caracterizem e forneçam informações sobre os grupos políticos envolvidos, assim como as disputas. Nesse sentido, além das mídias impressa e virtual, também se observaram sites, blogs e perfis de facebook dos agentes dos grupos políticos, tais como Partidos, Organizações Não-Governamentais, Políticos e Ativistas individuais de destaque.

O processo de tratamento e análise das fotografias seguiu as recomendações de Harper (2012) e Martins (2014), com especial atenção aos conceitos de Punctum e Studium de Barthes (2015).

Para cada um dos eventos, as fotografias registradas inicialmente foram observadas em seu conjunto, como forma de apropriação das imagens, símbolos e conteúdos presentes. Em um segundo momento, o pesquisador selecionou todas as fotografias que chamarem a atenção para algum dos aspectos de distinções investigados. A partir dessa seleção, cada uma das fotografias foi analisada pormenorizadamente, buscando reunir o maior número de informações de cada uma delas, registrando as impressões no diário de campo.

O processo foi suspenso ao se obter reincidência de características entre as fotografias do evento, selecionando para o trabalho final aquelas que reunirem mais características. Com base nas fotografias finais selecionadas, construiu-se o relato das distinções que surgiram e articulações entre as informações sobre o evento e a impressões anteriormente registradas no diário de campo.

Após a participação e análise de todos os eventos, tendo como produto final a seleção fotográfica e relato de cada um, o computo geral dos eventos passou pelo mesmo processo, buscando contrastes e convergências entre os mesmos, produzindo um material final, conforme se segue no próximo

item do presente trabalho. Empreguei a abordagem de Martins (2012), utilizando as fotografias como informação que sustenta as afirmações e análises sobre as tensões entre o Movimento LGBT e o representante do Legislativo que alega filiação as causas LGBT no município de Florianópolis, assim como as considerações do Diário de Campo construído no âmbito da presente pesquisa.

6. IMAGENS POLÍTICAS E SEUS CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA

Nada sobre nós, sem nós.
FORUM DIVERSIDADE da Grande Florianópolis

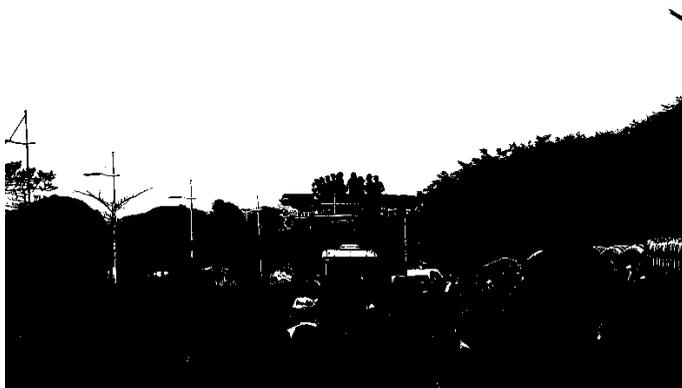
O presente capítulo apresenta as interpretações contextuais ao analisar as imagens selecionadas dos cinco eventos LGBT que enfocamos no projeto de pesquisa. Como forma de sistematizar as informações e também de apresentar certa possibilidade de comparação entre os eventos, auxiliando a emergência de aproximações e diferenças entre eles, construí quatro categorias analíticas: (1) estrutura dos eventos; (2) participação de representantes do Legislativo e do Executivo; (3) participação do Movimento LGBT; e (4) Participação de artistas.

6.1 A estrutura dos eventos

Em termos de infraestrutura, a IX Parada da Diversidade Florianópolis 2015 contou com três carros de som, além de alguns carros específicos para divulgações governamentais de programas, tais como o de HIV-AIDS. Os carros de som foram alugados com recursos do executivo municipal e do legislativo, através do parlamentar Tiago Silva.



Fotografia 1: Visão posterior do Carro de som principal da XI Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015. Tamanho: 100 metros.



Fotografia 2: Visão anterior do Carro de som principal da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015. Tamanho: 100 metros.



Fotografia 3: Carros de IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.

A V Parada da Diversidade São José 2016 teve como infraestrutura dois pequenos carros de som, também conseguidos através de recurso do executivo municipal.



Fotografia 4: Carro de som principal da V Parada da Diversidade de São José, 2016. Tamanho: 50 metros.



Fotografia 5: Visão lateral dos Carros de som da V Parada da Diversidade de São José, 2016. Tamanho de cada um: 50 metros.

A X Parada da Diversidade de Florianópolis 2016 foi realizada por iniciativa não governamental, e não envolveu apoio de setores públicos. Também não se caracterizou como um evento do Movimento LGBT, dado que não surgiu de qualquer organização específica. Contou com o apoio de LGBTs e simpatizantes. Um primeiro aspecto sobre infraestrutura a ser

ressaltado é que, não foi conseguida autorização para realiza-la na Beirmar Norte, sendo realizada na Beira-Mar Continental. Ao que tudo indica, a Prefeitura bloqueou o uso alegando que haveria atividade no fim de seman, o que não aconteceu. Contou com dois carros de som, ambos de propriedade de um membro do movimento LGBT, que o cedeu sem custos e espontaneamente e sem envolvimento da ONG a que pertence.



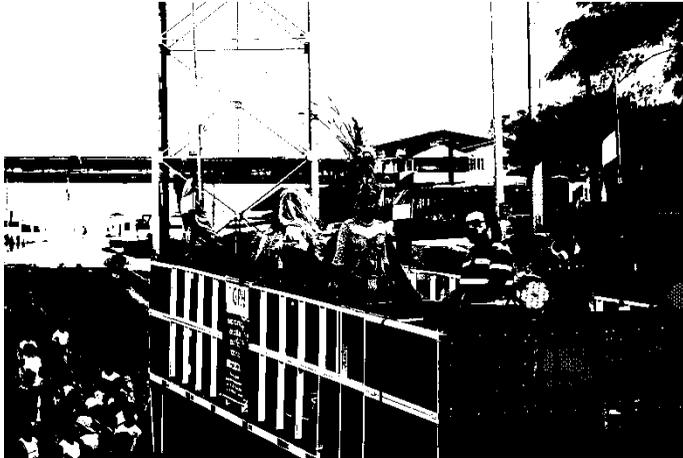
Fotografia 6: Visão da Beira-Mar Continental, onde foi realizada a X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.



Fotografia 7: Visão da Beira-Mar Continental, onde foi realizada a X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.



Fotografia 8: Carro de Som principal da X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016. Tamanho: 50 metros.



Fotografia 9: Segundo carro de som da X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016. Tamanho: 50 metros.

O PopGay 2016, que foi inicialmente cancelado pela Prefeitura Municipal, mas que rapidamente teve na figura do parlamentar Tiago Silva a mobilização para sua realização, foi patrocinado pela Skol, com infraestrutura composta por um palco

Gigante e isolamento da área de realização do evento, conforme determinação da patrocinadora.

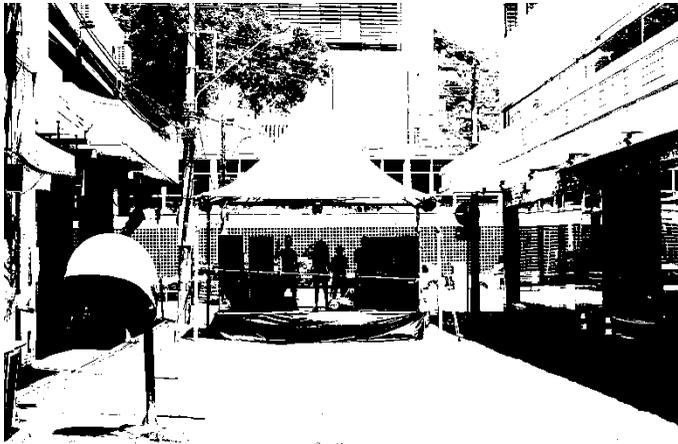


Fotografia 10: Visão frontal do palco do PopGay2016.
Dimensões: 100 metros de largura por 30 metros de altura.



Fotografia 11: Palco do desfile do PopGay 2016. Tamanho:
100 metros.

Já o bloco concorrente - produzido pelo Movimento LGBT - Vexame 2016, contou com uma tenda para os espetáculos, e o fechamento da travessa onde se realizaria o Bloco, no centro de Florianópolis.



Fotografia 12: Visão posterior do palco do Bloco Vexame. Dimensões: 20 metros de largura por 5 metros de altura.

6.2 Participação de representantes do legislativo e do executivo

A IX Parada da Diversidade de Florianópolis (2015) contou com a participação de dois representantes legislativos: o parlamentar municipal de Florianópolis Tiago Silva (PDT/SC) e a deputada federal por Santa Catarina Ângela Albino (PC do B/SC). O parlamentar encontrava-se licenciado na ocasião por estar a frente a Coordenação do PROCON/Florianópolis. Na ocasião da abertura do evento, tanto o parlamentar como a deputada fizeram uso da palavra, ressaltando o espetáculo e a beleza de reunir a população LGBT, além da distribuição de camisetas, como apresentadas nas fotos r1 a r3. Por vezes, ambos, empregavam o termo “gay” como sinônimo de LGBT. Não houve nenhum conteúdo de questionamento sobre as políticas para as pessoas LGBT, sendo o foco exclusivo na importância de visibilizar que a “(...) comunidade gay existe”, segundo palavras do parlamentar registradas no Diário de Campo.



Fotografia 13: Parlamentar Tiago Silva, organizador da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, distribuindo camisetas aos participantes.



Fotografia 14: Parlamentar Tiago Silva, organizador da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, e Deputada Estadual Angela Albino, distribuindo camisetas aos participantes.



Fotografia 15: Deputada Estadual Angela Albino, na IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, distribuindo camisetas aos participantes.

Em relação a V Parada da Diversidade de São José (2016), o Secretario de Cultura e Turismo do Município, Caê Martins, representou a Prefeitura Municipal. Em sua fala na abertura do evento, ressaltou a importância política tanto em termos de visibilidade da população LGBT, e, especialmente, o sentido militante das Paradas, na medida em que, segundo seu relato, diversos projetos de lei tramitavam na Câmara de Vereadores assim como a instituições de ações para as pessoas LGBT no município. Citou a questão da discussão de Gênero no âmbito escolar municipal, que se tratava de um ponto de tensão política importante, e ressaltou a importância do evento enquanto manifestação frente ao discurso de que os LGBT são minoria na população.



Fotografia 16: Cae Martins, Secretaria de Cultura e Turismo de São José, no discurso de abertura da V Parada da Diversidade de São José, 2015. Ao seu lado, Lirous Kyu Avila da Fonseca (ADEH) e Fabricio de Lima (Instituto ROMA), ativistas que integram o Fórum da Diversidade da Grande Florianópolis.

Na IX Parada da Diversidade de Florianópolis 2016, participou apenas o representante da Secretaria Estadual de Segurança Pública. No entanto, ressalta-se que o evento ocorreu em meio a campanha eleitoral municipal, o que deve ser levado em consideração no que se refere a participação de políticos.



Fotografia 17: Paulo Roberto Cardoso de Andrade (Paulinha), representante da Secretaria Estadual de Segurança Pública de Santa Catarina, durante a abertura IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.

O PopGay 2016 teve como único representante legislativo – e mesmo do executivo – presente o Parlamentar Tiago Silva. Após a supressão do evento na programação da Prefeitura Municipal de Florianópolis para o Carnaval 2016, o parlamentar foi aclamado na mídia como o salvador do evento, o que foi ressaltado em entrevista concedida a RBS, momento registrado na imagem utilizada no presente trabalho. O Parlamentar fez a fala de abertura do evento, e novamente demarcou o caráter festivo do “meio gay”, segundo palavras do próprio parlamentar, sem mencionar conteúdos de questionamento sobre a vida e os direitos LGBT.



Fotografia 18: Parlamentar Tiago Silva, organizador do PopGay2016, realizando entrevista a imprensa.

No evento “Vexame 2016” não esteve presente qualquer representante do legislativo ou do executivo.

6.3 Participação do Movimento LGBT

O tensionamento entre o Movimento LGBT representado pelo Fórum Diversidade da Grande Florianópolis, conforme tabela 1 apresentada anteriormente, e o executivo do município de Florianópolis (SC) foi destaque na mídia antes e depois da Parada da Diversidade de Florianópolis. Um mês antes da realização do evento, o Fórum realizou o “Mês da Diversidade”, com Programação cultural e política durante os 30 dias do mês de Agosto.



Fotografia 19: Ato de protesto do Movimento LGBT durante a abertura do Mês da Diversidade de 2015. Na fotografia, representantes de diversas ONGs e Instituições integrantes do Fórum da Diversidade da Grande Florianópolis utilizam mordças, enquanto a Presidente do Fórum realiza fala sobre o silenciamento do Movimento no que se refere à Parada da Diversidade da Grande Florianópolis. Na fotografia estão presentes representantes de Coletivos estudantis da UFSC, ADEH, Acontece – arte e cultura LGBT, Instituto Roma, e FAÇA – Fundação Açoriana para o Combate da AIDS.

Na abertura do evento, a presidente do Fórum, Lirous Kyu Fonseca Avila, em sua fala inicial apontou que, a despeito da tentativa da organização de diálogo com o parlamentar Tiago Silva, sobre a demarcação de ação militante durante a Parada da Diversidade, o referido organizador se negou a incluir as pautas do movimento, afirmando que se tratava de um evento que

deveria ser baseado na alegria e não em questões tensas da Sociedade.

Através dos registros no diário de campo, a importância da Parada da Diversidade para o Movimento LGBT foi sobremaneira destacada em todas as reuniões que participei do Fórum da Diversidade, desde abril de 2015. Em todas as reuniões alguma informação a respeito, seja da realização, ou seja da atuação do referido parlamentar era veiculada entre os membros. Durante a abertura do mês da Diversidade, os membros do Fórum fizeram uma intervenção silenciosa, utilizando mordanças conforme a foto acima. Segundo fala da presidente do Fórum, a temática do mês da Diversidade – “Nada sobre nós sem nós” - também referia-se a denuncia sobre o que estaria acontecendo em relação as tratativas junto aos organizadores da Parada de Florianópolis.

Depois de uma série de tratativas entre o organizador da Parada da Diversidade de 2015 e os Movimentos Sociais representados pelo Fórum, foi acordada a participação de um representante no carro de som principal da Parada, no qual seria realizada uma fala pelo Movimento. Houve grande tensionamento internamente ao Fórum, na medida em que parte dos movimentos sociais indicavam a necessidade de demarcação política de contraposição ao silenciamento e falta de diálogo dos organizadores com o Fórum, enquanto outros representantes indicavam que o caminho deveria ser pela conciliação, na medida em que nos dias anteriores ao evento o parlamentar Tiago Silva solicitou a participação do Fórum, indicando que haveria algumas falhas de comunicação e mal entendimentos, sendo fundamental a participação do Movimento LGBT. Por decisão do Fórum, o Sr. Marcelo Pacheco, representante do FAÇA – Fundação Açoriana de combate ao AIDS – representaria o Fórum no Carro principal da Parada e utilizaria a palavra na abertura, representando o Movimento LGBT, conforme registro fotográfico abaixo.



Fotografia 20: Parlamentar Tiago Silva, organizador da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, e Marcelo Pacheco (FAÇA), representante do Fórum Diversidade da Grande Florianópolis, após as falas de aberturas do evento. No momento, Marcelo questionava o parlamentar sobre por que não houve franqueamento da palavra a ele.

No entanto, mesmo com a presença do representante dos Movimentos Sociais no carro principal, a palavra não foi franqueada, o que de certa forma já era esperado pelos integrantes do Fórum, a despeito da promessa do organizador de que haveria espaço para a manifestação. Na medida em que existia essa expectativa, novamente as mordanças voltam como ato representativo do silenciamento do Movimento LGBT na Parada da Diversidade de Florianópolis. Nas fotos que se seguem, ficam registrados o momento em que o representante do Fórum no carro de som principal passou a utilizar a mordança, após cobrar do parlamentar Tiago Silva sobre o momento em que seria realizada a fala pelo movimento e este lhe responder que havia esquecido e se desculpar, saindo em seguida do carro de som. O representante do Fórum permaneceu durante todo o trajeto do carro de som utilizando a mordança.



Fotografia 21: momento em que Marcelo Pacheco (FAÇA), representante do Movimento LGBT coloca a mordação de protesto, no carro principal da IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, indicando o silenciamento no evento.

Como registrado, havia expectativa do Movimento LGBT sobre o cerceamento do uso da fala durante a Parada, a despeito do convite e da tratativa junto ao Parlamentar e organizador do evento. Não apenas o representante que foi ao carro de som, mas os demais membros do Fórum que se encontravam presentes estavam munidos de mordações, e no momento em que o representante a colocou, os demais também passaram a utiliza-las no trajeto da Parada, como intervenção política, conforme registro fotográfico abaixo.



Fotografia 22: integrantes do Movimento LGBT durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, em atitudes de protesto.

Na fotografia abaixo, um assessor direto do Parlamentar, vestindo camiseta com dizeres sobre a Parada da Diversidade sorri, ao lado de representante do Movimento LGBT que utiliza a mordaça que emblematiza o protesto frente ao silenciamento.



Fotografia 23: Parte externa do carro principal, IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.

Além do uso das mordaças, também o Movimento LGBT estava preparado com cartazes que apresentavam o sentido produzido pelos atos do referido parlamentar sobre o silenciamento: o uso eleitoral.



Fotografia 24: integrantes do Movimento LGBT durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015, em atitudes de protesto.

Como contraponto a Parada da Diversidade de Florianópolis 2015, a Parada da Diversidade de São José de 2016 foi organizada em parceria entre a prefeitura municipal – através da Secretaria da Cultura e Turismo – e o Movimento LGBT representado pelo Fórum da Diversidade da Grande Florianópolis. Nas fotos que se seguem, há o registro da presença das mais atuantes ONGs da Grande Florianópolis.



Fotografia 25: integrantes do Movimento LGBT (UNALGBT, ADEH e Instituto ROMA) durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016, juntamente com representantes do poder público (Secretaria Estadual de Segurança Pública) e do executivo municipal (Secretaria de Cultura e Turismo de São José. SC).



Fotografia 26: integrantes do Movimento LGBT (UNALGBT, Instituto ROMA, ADEH e Grupo Gay da Bahia) durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016, juntamente com representantes do poder público (Secretaria Estadual de Segurança Pública) e do executivo municipal (Secretaria de Cultura e Turismo de São José. SC).

A organização dos integrantes do carro de som principal, assim como das falas durante todo o trajeto da Parada de São José foi construída em conjunto entre o executivo e os Movimentos sociais, com participação integral de representantes dos movimentos e preocupação em que estas representações referissem-se claramente à Travestis, Transexuais, Transgêneros, Lésbicas e Gays, conforme registros fotográficos que se seguem.



Fotografia 27: Ricardo Medeiros (Instituto ROMA) e Lirous Kyu D'Avila (ADEH), integrantes do Movimento LGBT, e organizadores da V Parada da Diversidade de São José, 2016.



Fotografia 28: integrantes do Movimento LGBT na fala inicial durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.

Um exemplo do caráter militante da Parada de São José pode ser observado na fotografia que se segue. A faixa do carro de Som em que as bandeiras oficiais foram deflagradas trazia a seguinte mensagem “Sim! Orientação sexual e identidade de gênero ensinam-se na escola!”, referindo-se ao debate da época sobre a votação nos legislativos municipais sobre a temática de gênero nas escolas, com posicionamento tanto do Movimento LGBT como da Prefeitura Municipal de São José a favor da inclusão da temática, a despeito da tensão frente ao legislativo vinculado as denominações religiosas evangélicas.



Fotografia 29: Segundo Carro de Som, com frases militantes, durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.

Na IX Parada da Diversidade de Florianópolis 2016, oficialmente nenhuma organização social ou integrantes de entidades do Movimento LGBT participaram. No entanto, nota-se no carro de som e mesmo na parada em si, participação de ativistas e militantes, sem caráter de representação na ocasião.



Fotografia 28: integrantes do Movimento LGBT (UNALGBT e Instituto ROMA) na fala inicial durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.

No PopGay 2016 não houve qualquer manifestação de cunho da militância, ou mesmo participação de militantes dos movimentos sociais. Novamente a figura do parlamentar Tiago Silva aparece como organizador do evento, sem diálogo com os Movimentos Sociais LGBT. Paralelamente, os integrantes do Fórum Diversidade da Grande Florianópolis foram organizadores e estiveram presentes no bloco Vexame, conforme registros fotográficos que se seguem.



Fotografia 29: integrantes da ADEH durante o Bloco Vexame, 2016.



Fotografia 30: integrantes da ADEH durante o Bloco Vexame, 2016.



Fotografia 31: integrantes do Movimento LGBT durante o Bloco Vexame, 2016.

Em diversos momentos do evento foram realizadas manifestações de conteúdo crítico a LGBTfobia presente da Sociedade, assim como a problematização de que mesmo em se tratando de uma cidade aclamada como a “Capital Gay” do Brasil, Florianópolis ainda era tímida em termos de políticas públicas e ações de inclusão as pessoas LGBT. No encerramento, a artista e representante do Movimento LGBT Selma Light fez uma homenagem a organizadora do evento, Rose Nogueira, que realizou o Vexame 2016 com tom militante e representando a militância de Florianópolis.



Fotografia 32: Selma Light – apresentadora de televisão e integrantes da ADEH, junto com Rose Nogueira, organizadoras do Bloco Vexame, 2016.

6.4 Participação de artistas

No que se refere a participação de artistas durante os eventos do presente trabalho, a VIII Parada da Diversidade Florianópolis 2015 teve como sua atração Wanessa Camargo, contratada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, a despeito de suas declarações homofóbica e questionadas pelo Movimento LGBT. Nenhum artista local participou das atividades de entretenimento deste evento. Wanessa Camargo é mulher, cisgênero e heterossexual.



Fotografia 33: Show de Wanessa Camargo, durante a VIII Parada da Diversidade de Florianópolis, 2015.

A V Parada da Diversidade São José 2016 contou apenas com artistas locais, destacando-se a DJ Fabrizia, que é mulher trans e ativista LGBT na Grande Florianópolis. Fabrizia, assim como os demais artistas participaram gratuitamente do evento.



Fotografia 34: DJ Fabrizia, ativista trans e integrante da ADEH, durante a V Parada da Diversidade de São José, 2016.

A X Parada da Diversidade de Florianópolis 2016 contou com a participação de artistas locais e de São Paulo (SP).



Fotografia 35: Ricardo Medeiros, organizador do evento, e a Drag Queen paulistana Dindry Buck, durante X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.



Fotografia 36: artistas locais, no carro de som principal durante X Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.

Em relação ao PopGay 2016, foram contratadas pelo patrocinador (Skol) as artistas LGBT Silvete Montilla e Leo Áquila, ambas de São Paulo. Um fato interessante é que o despreparo em termos das discussões de gênero e diversidade sexual ficou patente em diversos momentos do evento, sendo no

mínimo contraditória a ideia de inclusão LGBT a situação em que ao anunciar a participação de Leo Águila, referiram-se a artista utilizando-se de pronome masculino, desconsiderando a identidade de gênero trans.



Fotografia 37: Silvete Montilla e as vencedoras do concurso de Drags, no PopGay2016.



Fotografia 37: a artista Leo Aquila, no PopGay2016.

No bloco Vexame 2016 todos os artistas que participaram são integrantes do movimento LGBT de Florianópolis. Nenhum dos artistas cobrou cachê pela participação no evento.



Fotografia 38: o cantor Billy Rezk, de Florianópolis, no Vexame2016.



Fotografia 39: o grupo musical “Banda The Bregas”, de Florianópolis, no Vexame2016.

6.5 Ampliando as imagens com a literatura científica

A importância de eventos políticos e imagéticos que denunciem a heterossexualidade compulsória na sociedade contemporânea é tamanha que inúmeras disputas estão implicadas, a começar da reação de setores religiosos ao investimento público nas Paradas das Diversidades e outras formas de manifestações LGBT na Sociedade Brasileira (MORETTI-PIRES, 2016).

Paralelamente as reações contrárias, os movimentos sociais LGBT denunciam o pouco investimento Governamental em dar visibilidade às suas questões na Sociedade, o que pode ser entendido a partir do texto-base da 1ª Conferencia Nacional LGBT, em que se preconiza a promoção da cidadania LGBT inclusive na utilização de formas de comunicação em massa e eventos (BRASIL, 2008). As Paradas da Diversidade LGBT – antigas Paradas Gays – são reconhecidamente uma das formas importantes das manifestações políticas para os Movimentos Sociais. Ramos e Carrara (2006) apresentam como no Brasil a ocupação de espaços para a visibilidade do Movimento em Paradas expandiu, apresentando que em 2006 registravam-se nos calendários municipais oficiais de setenta e sete cidades as manifestações LGBT de massa, especialmente após a 1990, quando a busca pela chamada Visibilidade Maciça é a estratégia política do movimento no país.

Fachini (2005) aponta que esse é o terceiro momento – e atual – do Movimento LGBT brasileiro, fruto do esforço conjunto da militância, do Movimento LGBT e de ativistas independentes. A autora ainda aponta como o apoio financeiro dos Ministérios da Saúde e da Cultura, assim como dos setores de turismo, prefeituras e secretarias estaduais são fundamentais para que esses eventos venham a acontecer.

Fachinni (2009) ressalta que o Brasil é o primeiro país do mundo a promover o diálogo institucionalizado entre o movimento LGBT e o Estado através de Conferências, ressaltando que, a despeito das críticas aos avanços e significados concretos dessa instância, mesmo no Brasil não seria possível antes da década de 1990. É interessante notar, como aponta Fachinni (2009), que diferente de outros movimentos sociais que forma historicamente mais visíveis, o movimento LGBT não apenas aparece com significância nacional nessa década, como

também diversifica os “formatos institucionais, sua rede de alianças e espaços de participação social” (p.139). Nesse tocante, Facchini (2009) defende que o movimento LGBT brasileiro se constituiu através do que nomeia de “visibilidade massiva”, pautada em estratégias de ampliação dos espaços de participação, preconizando a visibilidade social, proeminência nos debates públicos, candidaturas de representantes legislativos, defesa de projetos de leis específicos, *advocacy*, que são estratégias de movimentos sociais de outras minorias. Na visão de Facchini (2009) uma diferença do movimento LGBT está no aspecto de que a visibilidade massiva também enfocará a organização das Paradas da Diversidade LGBT, assim como a incorporação efusiva da mensagem de que as pessoas LGBT são sujeitos de direitos tanto quanto os heterossexuais.

Por essas considerações, pode se depreender que as Paradas da Diversidade são eventos centrais sobre “representatividade”, visibilidade e busca por reconhecimento. Em outra abordagem, Simões e Facchini (2009) apontarão que o crescimento e visibilidade política do movimento LGBT provoca um outro efeito: o interesse dos partidos políticos, que passam a criar espaços setoriais nas siglas para acomodar os LGBT de forma organizada, com ações nas políticas públicas e de parlamentares, assim como candidaturas LGBT.

A temática do poder e da política inclui entre seus debatedores e teóricos uma longa e secular tradição no corpo das Ciências Sociais. No presente trabalho, optou-se pelas considerações de Pierre Bourdieu a cerca da temática, uma vez que a constituição do poder, seus agentes e o campo político LGBT são elementos que se pretende analisar.

Na concepção de Bourdieu (2007), as lutas políticas devem ser analisadas através da divisão do trabalho político entre agentes politicamente ativos e agentes politicamente passivos, sendo os primeiros os representantes no legislativo e os últimos seus eleitores e sociedade civil, polarizados pela posse ou não dos meios e instrumentos de produção política.

Bourdieu afirma que se constitui como campo específico, o campo político, em que forças e lutas constroem a estrutura do campo, tanto quanto a lógica da oferta e da procura na “(...) desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social” (BOURDIEU, 2007, p.164), em cujos conflitos estabelecem-se concorrência entre os agentes,

opções (ou não) por programas, priorização de problemas, enfoques de análise, produção de comentários, divulgação de conceitos, elucidação de acontecimentos “(...) entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de consumidores, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados do lugar de produção” (BOURDIEU, 2007, p.164).

Valendo-se de conceitos weberianos, Bourdieu defende que existe certa profissionalização do político, com destaque a alguns aspectos na constituição do habitus político exigido nesse campo: a iniciação ao vocabulário e práticas esotéricas da profissão; o domínio da linguagem que o faça comunicar-se com os eleitores (tribuno); e o da linguagem interna ao grupo de políticos (debatedor).

Para continuar no campo político, por força de suas tensões, que vão do mundo dos profissionais-políticos ao mundo dos profanos-eleitores, as (im)possibilidades de tomada de posições é fundamental na vida política, haja vista que

(...) tratando-se de compreender uma tomada de posição política, programa, intervenção, discurso eleitoral, etc, é, pelo menos, tão importante conhecer o universo das tomadas de posição propostas em concorrência no interior do campo como conhecer as pressões dos laicos de quem os responsáveis por tais tomadas de posição são os mandatários declarados (a base): uma tomada de posição, como o nome diz as mil maravilhas, é um ato que só ganha sentido racionalmente, na diferença e pela diferença, do desvio distintivo. (BOURDIEU, 2007. p.172).

Especificamente, além dos efeitos práticos, o campo político é um campo de lutas e oposições simbólicas por excelência, assumindo a forma de luta pelo poder simbólico “(...) de fazer ver e fazer crer, de predizer e de prescrever, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, que é ao menos tempo uma luta pelo poder sobre os poderes públicos (as administrações do Estado)” (BOURDIEU, 2007. p.174), indicando assim que as manifestações políticas das imagens são fundamentais nesse

processo, ao desenhar no campo político “(...) uma luta para manter ou para subverter a distribuição do poder sobre os poderes públicos (ou, se se prefere, pelo monopólio do uso legítimo dos recursos políticos objetivados, direito, exército, polícia, finanças públicas, etc).” (ibidem, p.174).

Nesse contexto de disputa imagética, Bourdieu afirma que os partidos e seus políticos estarão incessantemente buscando a (re)elaboração e imposição de uma representação do mundo social que promova angariar o maior número de cidadãos-eleitores frente ao que seus adversários (político e de representação do mundo social) conquistou. Os representados devem se enxergar nas representações de seus representantes políticos.

Na teorização do campo político, Bourdieu (2007) chama a atenção de que há grande divisão e autonomização interna nos grupos políticos, em uma perpétua relação simbólica e de conjuntura de forças com tendência as cisões, mas também às fusões entre os membros de determinado grupo, constituindo-se a luta interna uma característica do *habitus* político, pelos jogos dos interesses.

A força das possibilidades de poder conquistadas pelo grupo frente aos demais grupos políticos e eleitores, se contrapõe a originalidade da proposta de constituição do grupo enquanto tal, segundo Bourdieu, na medida em que “O campo político é pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos” (BOURDIEU, 2007, p.185).

O capital político é a tradução do capital simbólico nesse campo, produzido através do crédito, da confiança e do reconhecimento que os agentes outorgam através de operações simbólicas a determinado político e/ou grupo político na concepção de Bourdieu (2007), o que constitui um capital específico: o valor fiduciário construído a partir da capacidade de representação, opinião e crença dos profanos no homem político.

De um lado, há um elemento mágico no capital político segundo Bourdieu (2007), vez que o homem político é investido por determinado partido a ocupar a função de candidato (e por extensão, também por seus eleitores). De outro, o capital político é capital delegado e, como tal, necessita de objetivação através de instituições permanentes que se materializam em “maquinas

políticas”, postos, instrumentos de mobilização e de reprodução contínua (BOURDIEU, 2007).

Em outro aspecto, falar sobre os eventos LGBT em Florianópolis, é falar também de transações e interesses comerciais, dada o atrativo da Ilha ao setor de turismo nacional e internacional. No sentido das amplas conexões dos elementos no mundo contemporâneo, Harvey (1989) cunhou o termo "compressão espaço temporal", argumenta que esse "encolhimento do mundo", onde o espaço é comprimido pelo tempo, é um fenômeno histórico resultante do contexto que permeia o desenvolvimento do capitalismo industrial, que traz consigo o desenvolvimento também dos meios de comunicação e transporte, bem como os avanços tecnológicos em outras áreas. Um dos efeitos interessantes desse fenômeno é justamente a sua capacidade de gerar aproximações e distanciamentos, que permitem perceber os movimentos constantes e simultâneos de homogeneização e heterogeneização que operam nos fluxos e contra fluxos das tensões entre o global e o local.

Dupas (2006) argumenta que a possibilidade de ocupação do espaço público está diminuída a partir do neoliberalismo, uma vez que “[...] reduz-se progressivamente a um ato de consumo e a democracia fica ameaçada pelo individualismo extremo e pela desagregação das sociedades política e civil.” (2006, p.33), na medida em que a visão tecnocrática e funcional induziu a um processo de incluídos e excluídos em termos de usufruto de direitos e cidadania.

Caldeira (2014), também defende que, embora exista a ideia de uma mítica possibilidade de livre circulação das pessoas nos lugares públicos na sociedade contemporânea, como no passado, há uma forte regulação e disciplinarização do uso do espaço público. A aparência de liberdade de todos no uso desses espaços é desmontada ao se observar as diversas reações das pessoas e até mesmo do policiamento, gerando a segregação pelas dinâmicas sociais que envolvem classe, raça e gênero na constante disputa pelo controle do espaço público. A autora alerta ser preciso desnaturalizar a perspectiva mítica de que o espaço público é de uso de todos, carecendo um processo transgressor e que evidencie as desigualdades, preconizando a democratização.

A democratização do espaço público requer a expansão da tolerância e a aceitação de maior indistinção, ou seja, depende da possibilidade de desmontar sistemas de regulação que reproduzem hierarquias, desigualdades e preconceitos arraigados profundamente nos imaginários e práticas cotidianas. A ampliação da tolerância não acontece espontaneamente. Ela depende em grande parte de pequenos atos transgressivos que forcem limites no dia a dia da cidade. (CALDEIRA, 2014, p.13).

Camargo e Rial (2011) levantam à necessidade de se repensar as relações sociais e ocupação de espaços entre pessoas LGBT a partir do conceito de guetos, definidos como “[...] espaços circunscritos e marginais nos quais, ao longo da história, minorias religiosas, sociais, étnicas e sexuais foram encapsuladas e segregadas.” (2011, p.977). Segundo os autores, mesmo internamente ao grupo de pessoas LGBT existem heterogeneidades que se referem às dimensões de classe social, cor de pele, nível educacional e origem cultural, oportunizando ou interditando acesso à experiências e aos espaços, tanto públicos como privados. Outro aspecto analisado é que a linguagem e os códigos próprios de cada um dos grupos recortados na população LGBT delimita distinções e itinerários vivenciais diferentes entre essas pessoas. Itinerários esses que estariam diretamente relacionados a corpos, desejo e alta circulação de capital, impulsionando uma economia capitalista político-sexual (CAMARGO; RIAL, 2011).

Rabbia e Iosa (2011), assim como Garcia e Parker (2006), apontam que, a despeito das reivindicações da população LGBT como minoria política e de seus prejuízos advindos da segregação impetrada pela heteronormatividade, mesmo no interior do Movimento LGBT com espectro tão amplo de expressões e identidades de gênero, existem tensões decorrentes das dinâmicas de inclusão-exclusão e que determinam certa estruturação social do ativismo, em que os elementos da desigualdade social e étnico-racial perpassam e condicionam as possibilidades de estar ou não incluído tanto nas pautas, como nas manifestações públicas do movimento.

Em relação ao turismo LGBT, Hernandez (2002) apresenta que histórica e socialmente foi construído um estilo de vida que produz códigos de identidade expressa através da participação política, formas socializáveis, etc. Nesse sentido, Ortega & Pott (2014) afirmam que houve um processo de institucionalização do universo gay e, portanto, a identidade gay são inerentes ao desenvolvimento deste modelo gay, um esquema que opera independentemente do contexto cultural.

Em termos do turismo, os autores defendem que os indivíduos e as imagens são códigos necessários nas instituições de homossexuais que o mercado fornece na emergência de um nicho promovido através de uma publicidade orientada para o consumo. Para os autores, o universo gay institucionalizou certas práticas de lazer, proporcionando as condições necessárias para a reprodução de sua identidade, em que boates, teatros, bares, restaurantes e praias, entre outros, são divulgados para a construção de mercado, tornam-se áreas de lazer acessíveis ao poder de compra dos turistas internacionais em sintonia com o modelo de ser gay.

Uma importante consideração sobre Florianópolis é feita por Guimarães (2016), que defende que a “cidade turística” é construída através de jogo de relações e interesses, que promovem o acontecimento – no sentido Foucaultiano empregado pela autora – fabricado e localizado, como invenção por “(...) práticas e estratégias políticas de instituições públicas e privadas que instituíram o turismo como uma verdade em Florianópolis” (GUIMARAES, 2016, p.213). Nesse computo, a autora defende que no município há presente e constante “disputa pelo uso e significações do espaço”, entre os moradores da ilha e aqueles que se interessam pelo seu uso como paraíso turístico-comercial nacional e internacional.

Florianópolis é divulgada como um dos principais destinos para o turismo gay no Brasil. O Instituto Brasileiro de Turismo divulga desde o início de 2016 São Paulo, Florianópolis e Recife como destinos turísticos LGBT gayfriendly em todos os eventos mundiais, como parte de um projeto específico para exploração da Ilha, correspondendo a um mercado de viagens para gays e lésbicas que pretende movimentar US\$ 54 bilhões/ano. No site da Internacional Gay and Lesbian Tourism Association (IGLTA), há registros de que em 2012 a associação realizou treinamento para 150 agentes de viagens e funcionários do turismo de

Florianópolis promovido pela Embratur e IGLTA. De acordo com a IGLTA, turistas LGBT realizam em média 4 viagens por ano em período de baixa temporada e gastam mais com cultura, lazer, entretenimento e aquisição de artigos de luxo. Além disso, a duração da estadia é o dobro da do turista comum.

Nesse sentido, há alguns questionamentos que são trazidas pelo registro em campo interessantes, como por exemplo o por que de trazer atrações LGBT (Silvete Montilla e Léo Aquila) ou de repercussão entre as pessoas LGBT (Wanessa Camargo) pagas com recursos consideráveis dos cofres públicos, quando o município dispõe de artistas locais que poderiam integrar de maneira mais barata ou até mesmo gratuita? Quais são os interesses políticos e comerciais implicados explicita e implicitamente nos eventos LGBT na Grande Florianópolis? Essas são questões, dentre outras, que demandam investigações mais amplas e específicas, sendo sugeridas pelos achados produzidos no presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira consideração à cerca do presente trabalho refere-se ao uso da fotografia enquanto forma de produção de informações sobre os fenômenos sociais. Um aspecto importante é que, talvez o ato em si de produção fotográfica - ao menos em termos de como o projeto deste trabalho foi desenvolvido - aproxima o fotógrafo do etnógrafo.

Contabilizando o tempo dispendido para a participação nos cinco eventos, totalizamos mais de vinte e quatro horas, que resultaram em oito mil e quatrocentas e trinta e duas fotografias. Dessas, trinta e nove foram escolhidas. No entanto, a escolha desses trinta e nove quadros se deu a partir de quatro categorias de análise, também previamente por mim determinadas, entre tantas outras. Não há dúvidas que as mais de oito mil fotografias jamais contariam a realidade dos eventos em si. Isso é, de certa maneira, logicamente impossível. O que foi possível foram as oito mil e quatrocentas e trinta e duas possibilidades de visões sobre os cinco eventos, produzidas por mim e pelo meu olhar fotográfico. Oito mil e quatrocentas e trinta e dois quadros de realidades construídas, sintetizados em trinta e nove cenas, circunscritas à quatro dimensões de análise.

Roy Wagner em sua obra “A invenção da cultura”, afirma que as culturas existem tanto por terem sido inventadas como por como essas invenções são efetivas. O autor ainda afirma que “O que o pesquisador de campo inventa, portanto, é seu próprio entendimento: as analogias que ele cria são extensões das suas próprias noções e daquelas de sua cultura, transformadas por suas experiências da situação de campo” (WAGNER, 2012, p.59). A despeito do possível questionamento de estar me utilizando de uma outra discussão (a cultura) aqui, a experiência do uso de fotografias no presente projeto pode ser pensada como uma invenção de certas analogias para minha própria noção sobre os eventos que acompanhei, enquanto “situação de campo”.

Ao mesmo tempo, é interessante pensar se seria diferente - ou em que - se ao invés da Sociologia Visual, minha opção fosse pelas palavras, através de entrevistas e/ou outras formas de registros. Uma primeira observação a cerca dessa outra perspectiva é que o que estaria registrado se daria na minha interação com as pessoas entrevistadas, sejam políticos, organizadores, movimentos sociais e outros participantes do

evento. No caso do presente trabalho, tratou-se de uma visão pública em eventos públicos. Silenciosa em palavras, mas, ao menos quando as fotografias selecionadas foram colocadas em paralelo, amplamente ricas como fonte de informação.

A disputa política nos espaços dos eventos registrados fica patente ao serem observados as fotografias escolhidas. As infraestruturas e locais de realização, assim como a presença de patrocínio governamental e/ou privado refere-se, assim, aos interesses políticos e mercadológicos nesses espaços. Ao mesmo tempo, a presença/ausência de representantes do Movimento LGBT, assim como a forma com que performam essa presença/ausência, também tem conteúdo e mensagem políticas que, ao menos no presente trabalho, referiram-se a contrapontos a movimentos de políticos, do estado e também do mercado. Sobre o mercado, a contratação de atrações externas a Florianópolis, ou a contratação/participação espontânea de artistas locais, também se mostrou como informação sobre as tensões políticas, assim como da composição do Movimento LGBT e dos políticos nos eventos, a exemplo das diferenças entre a VIII e a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, ou entre essas e a V Parada de São José.

Dos políticos que apareceram (e aparecer em um trabalho que se utiliza de Sociologia Visual é algo digno de nota) nos registros, a deputada Angela Albino foi candidata a Prefeita de Florianópolis, alcançando a quinta colocação em primeiro turno de 2016, com 10.481 votos (4,26%), resultado que a elegeu apenas como vereadora do município. Tiago Silva, que foi o vereador eleito mais votado da história até as eleições de 2012 quando obteve 6.860 votos, em 2016 ficou em 16ª colocação, se elegendo pela legenda com 2.638 votos. Em relação a São José (SC), o Secretário da Cultura e turismo Caê Martins, com importante atuação na realização da V Parada da Diversidade de São José em 2016, foi eleito na 12ª colocação, com 1.851 votos.

Outra manifestação política, oriunda das relações entre o Movimento LGBT e o parlamentar Tiago Silva, foi a movimentação para a construção de uma candidatura a câmara de vereadores, sendo candidatada a ativista Carla Ayres (PT-Florianópolis), que não se elegeu vereadora, mas obteve 1080 votos, ficando em quarta colocada da coligação PT/PC do B, nessa eleição.

Tomo a liberdade – atrevida por se tratar de um trabalho acadêmico – de que minha última consideração do presente trabalho não se utilize de palavras, mas sim da imagem que, no meu entendimento, produz o efeito de síntese. Essa quadragésima cena foto-grafada retrata não apenas as cinzas, mas especialmente as condições de emergência registradas anteriormente, para que o Movimento LGBT se organizasse em busca de representantes políticos, já que não se quer calar ou ser calado, tal como no lema do mês da Diversidade de 2015: “Nada sobre nós sem nós”. Uma bandeira, de uma candidata lésbica, escolhida entre e por pessoas do Movimento LGBT, na Parada da Diversidade organizada sem apoio governamental ou de políticos, por ativistas LGBT.



Fotografia 40: bandeira da candidata à Vereadora Carla Ayres, durante a IX Parada da Diversidade de Florianópolis, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale. **A chave do armário** – homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: **Anais do GT História da Mídia Digital do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, Niterói, UFF, Rio de Janeiro, 2008.

AMARAL, Marília dos Santos. **Essa boneca tem manual:** práticas de si, discursos e legimitidades na experiência de travestis iniciantes. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia. 2012.

ANSARA, Gavriel; HEGARTY, Peter. Methodologies of misgendering: recommendations for reducing cisgenderism in psychological research. **Feminism & Psychology**, 2014, v.24, n.2, pp.259-279.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 2015.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1993.

BECKER, Howard. Photography and Sociology. **Studies in the Anthropology of Visual Communication**, 1974, 11(1): 1-19.

BOLTANSKI, Luc. La retórica de la figura. In: BOURDIEU, Pierre (org). **Un arte médio:** ensayo sobre los usos sociales de la fotografía. Barcelona: Editorial Gustavo Gili AS, 2003. pp.207-34.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice;

CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrani (orgs.) **Escritos de Educação**, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001b, pp.67-69.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili AS, 2003.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean-Claud. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Cadernos SECAD4 - Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015505.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2013.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Texto-base da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Presidência da República, 2008.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes.(org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de Luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Qual a novidade dos rolezinhos? espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo*. **Novos estud.** – CEBRAP, 2014, n.98, pp. 13-20.

CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Silvia Moraes. *LGBT world championships: sexualizedghettos in global scale?* **Revista de Estudos Feministas**, 2011, vol.19, n.3, pp. 977-1004.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. *“Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro*. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, p. 233-249, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero**. Curitiba: Ed.Appris. 2013.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **“Amor sem vergonha”**: Trajetórias pessoais e vida conjugal entre Gays e Lésbicas na comunidade do Ratoões – Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). UFSC. 2000.

DAVY, Zowie. **Recognizing transsexuals: personal, political and medicolegal embodiments**. London: Ashgate Publishing Limited, 2011.

DUPAS, Gilberto. *Tensões contemporâneas entre público e privado*. **Cadernos de Pesquisa**, 2005, vol.35, n.124, pp. 33-42.

ECHAVARREN, Jose Manuel. **Sociologia Visual: la construccions de la realidade social a través de la imagem.** Sevilla (Espanha): Fundacion Centro de Estudios Andaluces. 2009.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**; 2009; vol.3, n.4, pp.131-158.

FERREIRA, Glauco. **Arco-Íris em Disputa: A “Parada da Diversidade” de Florianópolis entre políticas, sujeitos e cidadania.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, 2012.

FERREIRA, Tiago da Silva. “Nascemos assim!”: o movimento GLBTQ brasileiro e o perigo da estratégia essencialista (1978-2012). **Revista Eletrônica História em Reflexão**: v.7 n. 13; 2013.

FORUM DIVERSIDADE DA GRANDE FLORIANÓPOLIS. Sobre nós. Disponível em <<http://forumdiversidadefl.wix.com/forumdiversidade#!sobre-nos/c1sv8>> Acesso em 25/03/2016.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares:** homossexualidade, consumo e subjetividade na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GARCIA, Jonathan; PARKER, Richard. From global discourse to local action: the makings of a sexual rights movement? **Horizontes antropológicos**, 2006, vol.12, n.26, pp. 13-41.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP. 1993.

GODOY, Rosane Maria. **“Encontros prazerosos”**: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 2001.

GOLD, Steven. Sebastião Salgado and Visual Sociology. **Sociological Forum**, 2011, vo.26, n.2, pp. 418-23.

GOMEZ, Maria Mercedes. **Violência por Prejuízo**. In: MOTTA, Cristina; SÁEZ, Macarena. (orgs.). La virada de Los Jueces. Vol. 2: Sexualidades Diversas en la Jurisprudencia Latinoamericana. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, American University Washington College of Law, Center forreproductiveRights, 2008.

GRADY, Joshn. Visual Sociology. In: BRYAN, Clifton; PECK, Dennis. **21st Century Sociology: a reference handbook**. London: Sage Publication. 2007. pp. 63-70.

GUIA GAY FLORIPA. “9^a Parada Diversidade de Floripa é cancelada. Cidade mostrou falta de compromisso. E comunidade LGBT, desunião”. Publicado em 11/11/2014. Disponível em <<
<http://www.guiagayfloripa.com.br/2/n--9-parada-da-diversidade-de-floripa-e-cancelada--11-11-2014--836.htm>>> Acesso em 25/03/2016

_____. “Fomos alijados da organização da parada – denuncia fórum LGBT”. Publicado em 18/08/2015. Disponível em <
<http://www.guiagayfloripa.com.br/2/n--fomos-alijados-da-organizacao-da-parada-denuncia-forum-lgbt--18-08-2015--1657.htm>> Acesso em 25/03/2016. 2015a.

_____. “Parada da Diversidade 2015 em Floripa tem data marcada. Evento, que não se realizou em 2014, terá na organização entidade arco-íris recém-criada”. Publicado em 14/06/2015. Disponível em <
<http://www.guiagayfloripa.com.br/2/n--parada-de-diversidade-2015-de-floripa-tem-data-marcada--14-06-2015--1447.htm>> Acesso em 25/03/2016.

HARPER, Douglas. **Visual Sociology**. London: Routledge, 2012.

HIRD, Myra. A typical gender identity conference? Some disturbing reports from the therapeutic front lines. **Feminism & Psychology**, 2003, v.13, n. 181, pp.181-199.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. 3ª edição. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2014b.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOZINETS, Robert. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online. London: Sage, 2010.

_____. **The Field Behind the Screen**: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities, 2002.

LEITE, Amanda Mauricio Pereira. **Imagens do Diverso**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Educação. UFSC. 2010.

LENZI, Maria Helena. **A invenção de Florianópolis como cidade turística**: discursos, paisagens e relações de poder. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão espetacular**: uma teoria da fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2014.

MEAD, Margaret; GREGORY, Bateson. **Balinese Character**. New York: The New York Academy of Sciences. 1942.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana. (2006). Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *RENOTE*, Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 4, 2006

MONTARDO, Sandra Portella; ROCHA, Paula Jung. Netnografia. Inscursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, 2005, v. 4, n.1, p.2-22.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; TESSER-JÚNIOR, Zeno Carlos; VIEIRA, Marcelo; MOSCHETA, Murilo dos Santos. Pastores, ovelhas desgarradas e as disputas pelo rebanho: Sobre a transcrucificação na Parada do orgulho LGBT de São Paulo em 2015. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2016; 110: pp.99-116.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.

NASCIMENTO, Fabio Santiago. **Sexual/Social ‘borderlands’: men’s narratives of masculinity and same-sex desire in Brazil**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Inglês. UFSC. 2016.

OLIVEIRA, Marcelo José. **O lugar do travesti em Desterro**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. 1997.

OLIVEIRA, Renan Nunes. Gay negro nascido em favela é o vereador mais votado de Florianópolis. Publicado em 16/12/2012. **UOL eleições 2012**. Disponível em << <http://eleicoes.uol.com.br/2012/noticias/2012/10/07/gay-negro-nascido-em-favela-e-o-vereador-mais-votado-de-Florianópolis.htm>>> Acesso em 25/03/30/2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Born free and equal: sexual orientation and gender identity in International Human Rights Law**. Genebra: United National Organization, 2012.

ORTEGA, Martha Garcia; MARIN POOT, Héctor Manuel. Creación y apropiación de espacios sociales en el turismo gay: Identidad, consumo y mercado en el Caribe mexicano. **Culturales**, 2014, v. 2, n. 1, p. 71-94.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História. São Paulo, v.24, n1, p.77-98, 2005.

PERUCCHI, Juliana. **Eu, tu, elas** – investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que elas estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UFSC. 2001.

PRADO, Marco Aurelio Maximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria de Turismo. “Parada da Diversidade: direito de amar é o lema. Evento reúne milhares de pessoas, ocorre domingo na Beira-Mar Norte”. Publicado em 02/09/2015. Disponível em <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=15159>> Acesso em 25/03/2016.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do Jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. UFSC. 2014.

RABBIA, Hugo; IOSA, Tomás. Construcción de rutinas espaciales y sus efectos en las dinámicas de inclusión-exclusión del activismo LGBT en Córdoba, Argentina. **Sexualidad, Salud e Sociedad**, 2011, n.7, pp. 103-126 .

RAMOS, Silvia. Violência e homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In: GROSSI, Miriam Pilar (org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006 .

RUBIN, Gayle. **Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality**. In: VANCE, Carole (ed). *Pleasure and danger*. London: Routledge, 1984.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. London: Sage Publications, 2008.

SANTOS, Daniel Kerry de. **Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia. UFSC. 2012.

SILVA, Marco Aurelio. **Se Manca!** Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. 2003.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris – do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIQUEIRA, Monica Soares. **Arrasando Horrores!** Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC. 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TAVARES, Marie Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Na parada do lazer: delineando as ações de lazer em ONGs LGBT de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 2014, vol.28, n.4, pp. 579-597 .

VASCONCELLOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: A herança sociológica**. Educação & Sociedade, v.23, n.78; 2002.

VENCATO, Anna Paula. **“Fervendo com as drags”**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC. 2002.

VIEIRA, Marcelo. **'Quero poder existir'**: contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT da Universidade Federal de Santa Catarina. 2015. 106 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2015.

VIANNA, Adriana. Atos, sujeitos e enunciados dissonantes: algumas notas sobre a construção dos direitos sexuais. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (org.). **Discursos fora da ordem**: sexualidade, saberes e direitos. São Paulo: AnnaBlume, 2012. pp.227-45.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: CosacNaify, 2012.

WARNER, M. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

_____. **The trouble with normal**: sex, politics, and the ethics of queer life. Cambridge: Harvard, 2000.